

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO
CURSO DE MUSEOLOGIA**

LUCIMAR DA SILVA SALGADO

**CADERNO DE RECEITAS: VESTÍGIOS PARA A MEMÓRIA E A IDENTIDADE
CULTURAL**

PORTO ALEGRE

2022

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO
CURSO DE MUSEOLOGIA**

LUCIMAR DA SILVA SALGADO

**CADERNO DE RECEITAS: VESTÍGIOS PARA A MEMÓRIA E A IDENTIDADE
CULTURAL**

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Museologia, do departamento de Ciências da Informação da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Orientadora: Prof^a. Me. Marlise Maria Giovanaz.

Porto Alegre

2022

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor: Carlos André Bulhões Mendes

Vice- Reitoria: Patrícia Pranke

FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO

Diretora: Ana Maria de Moura

Vice- Diretora: Vera Regina Schmitz

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO

Chefia: Rita do Carmo Ferreira Laipelt

Chefia Substituta: Samile Andréa de Souza Vanz

COMISSÃO DE GRADUAÇÃO DO CURSO DE MUSEOLOGIA - COMGRAD/MSL

Coordenadora: Márcia Regina Bertotto

Coordenadora Substituta: Vanessa Barrozo Teixeira Aquino

CIP - Catalogação na Publicação

SALGADO, Lucimar da Silva
CADERNO DE RECEITAS: VESTÍGIOS PARA A MEMÓRIA E A
IDENTIDADE CULTURAL / Lucimar da Silva SALGADO. --
2021.
62 f.
Orientadora: Marlise Maria Giovanaz.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade
de Biblioteconomia e Comunicação, Curso de Museologia,
Porto Alegre, BR-RS, 2021.

1. Cadernos de receitas. 2. Exposição Migrações à
Mesa. 3. Memória Social. 4. Identidade Cultural. 5.
Museu. I. Giovanaz, Marlise Maria, orient. II.
Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação (FABICO)

Departamento de Ciências da Informação

Rua Ramiro Barcelos, 2705- Bairro Santana – Porto Alegre.

CEP: 90.035-007- Telefone (51) 3308-51-43

E- mail: fabico@ufrgs.br

LUCIMAR DA SILVA SALGADO

**CADERNO DE RECEITAS: VESTÍGIOS PARA A MEMÓRIA E A
IDENTIDADE CULTURAL**

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Museologia, do departamento de Ciências da Informação da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Aprovado em _____ de _____ de _____

BANCA EXAMINADORA

Profa. Ma. Marlise Maria Giovanaz
Orientadora UFRGS

Profa. Dra. Márcia Regina Bertotto.
Examinadora UFRGS

Prof. Me. Eráclito Pereira
Examinador UFRGS

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pelo dom da vida.

À minha avó materna Maria Carolina (*in memoriam*) por me ensinar que o amor e a fé curam através da benzedura.

À minha mãe Elamar pelo amor incondicional que me dedica, por sempre incentivar a persistência aos estudos para que eu tivesse um caminho mais fácil que o seu. És meu orgulho e minhas razões de tentar fazer o melhor possível em qualquer circunstância.

À minha irmã Daiana por me ensinar a amar, a dividir, a aceitar e pelo incentivo na conquista dos meus objetivos. Ao meu irmão Emerson (*in memoriam*) por todos os momentos e pelo exemplo de coragem.

Às amigas Daniele e Débora, pelo carinho.

Às amigas Ana e Maila pela presença e generosidade.

À minha orientadora, professora Marlise, pela sabedoria, disposição e sensibilidade com que me orientou.

À guardiã da memória que compartilhou seus saberes para eu construir o meu, D. Elmina por me confiar sua história, suas memórias, seus momentos especiais em família.

Aos membros da banca, Prof. Márcia Bertotto e Prof. Eráclito Pereira, pelo aceite em participar da banca e às contribuições feitas na pesquisa.

À sociedade brasileira, através da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, por possibilitar uma graduação de qualidade e gratuita.

Ao Museu da UFRGS por ter me possibilitado as práticas do saber fazer museológico e pelo conhecimento adquirido.

“As melhores coisas da vida são as pessoas que amamos, os lugares onde estivemos e as memórias que fizemos ao longo do caminho” (Chico Xavier)

RESUMO

Tomando em especial os cadernos de receitas que performaram nas vitrines da exposição Migrações à Mesa apresentada pelo museu da UFRGS, o presente estudo faz uma análise de como podem ser constituintes das relações afetivas familiares, da memória individual e coletiva e da identidade cultural de sociedade. Este trabalho foi realizado com a intenção de apontar para as potencialidades dos cadernos de receitas como fonte de informação e transmissão de valores familiares e culturais. A metodologia utilizada é do tipo exploratório, descritivo e com abordagem qualitativa. Para embasar as questões conceituais, foram aplicadas as teorias de autores e autoras que elucidam a respeito de conceitos de memória afetiva, transmissão de valores culturais, construção de identidade individual e social e a atribuição de significados e signos num objeto de escrita culinária. Utiliza a observação participativa e a entrevista semiestruturada com a guardiã do caderno de receitas estudado como instrumentos para a coleta de dados. Os dados coletados da entrevista são apresentados no formato de uma das seções do trabalho possibilitando o relato da “voz do sujeito”, vinculado ao referencial teórico. Conclui-se que os cadernos de receitas podem se constituir como fontes de informação e memória, assim como de instrumento de apoio na transmissão de valores e cultura nos processos de socialização.

Palavras-chave: Cadernos de receitas. Exposição Migrações à Mesa. Identidade. Memória. Museu da UFRGS. Objeto.

RESUMEN

Enfocando los cuadernos de recetas expuestos en las vidrieras de la exposición “Migrações à Mesa”, presentada por el Museo UFRGS, el presente estudio analiza cómo estos recetarios pueden ser constituyentes de las relaciones afectivas familiares, de la memoria individual y colectiva y de la identidad cultural de la sociedad. Este trabajo se realizó con la intención de señalar el potencial de los cuadernos de recetas como fuente de información y transmisión de valores familiares y culturales. La metodología utilizada es exploratoria y descriptiva, con enfoque cualitativo. Para fundamentar las cuestiones conceptuales, se aplicaron teorías de autores y autoras que elucidan los conceptos de memoria afectiva, transmisión de valores culturales, construcción de identidad individual y social y atribución de significados y signos a un objeto de escritura culinaria. Utiliza la observación participativa y la entrevista semi-estructurada con la guardiana del cuaderno de recetas en estudio como instrumentos para la recolección de datos. Los datos de la entrevista son presentados en una sección del trabajo, lo que posibilita el relato de la “voz del sujeto”, vinculado al referencial teórico. Se concluye que los cuadernos de recetas pueden constituirse en fuentes de información y memoria, así como instrumento de apoyo en la transmisión de valores y cultura en los procesos de socialización.

Palabras clave: Libros de cocina. Exposición Migraciones a la mesa. Memoria. Museo UFRGS. Objeto.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1- Material gráfico para divulgação do convite	31
Figura 2- Visualização do salão expositivo.....	37
Figura 3- Vitrine composta do acervo da família Generali.....	38
Figura 4- Vitrine composta do acervo indígena	39
Figura 5- Herança cultural gastronômica dos afrodescendentes.	40
Figura 6- Configuração do módulo A evolução na cozinha	42
Figura 7- Destaque para o quadro das expressões metafóricas.	43
Figura 8- Detalhe da mesa central da Exposição.....	44
Quadro 1- Indicações dos módulos expositivos.	36

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2	REPOSITÓRIOS DA MEMÓRIA SOCIAL E DA IDENTIDADE CULTURAL	18
3	TRADIÇÃO E CULTURA NOS MUSEUS	22
	3.1 Universidade: a construção de um conceito	22
	3.2 O Ensino Superior no Brasil e a espera pelo século XX	23
	3.3 Universidade do Rio Grande do Sul - breves apontamentos	24
	3.4 Museu da UFRGS: um museu interdisciplinar	25
	3.5 REMAM: espaços científico-culturais articulados em rede	28
4	MIGRAÇÕES À MESA: REALÇANDO MEMÓRIAS, HISTÓRIAS, SABERES E SABORES	30
	4.1 Expressões simbólicas nos objetos de herança	30
	4.2 Expondo o enxoval da mesa posta	33
	4.3 Percorrendo o circuito expositivo	36
5	OS CADERNOS DE RECEITAS E SEUS ENTRECRUZAMENTOS DE MEMÓRIA E CULTURA	45
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	54
	REFERÊNCIAS	57
	APÊNDICE A	60
	APÊNDICE B	61
	APÊNDICE C	62

1 INTRODUÇÃO

Expostos em vitrines, uma série de utensílios para preparar e servir os alimentos, guardanapos e toalhas de mesa bordados à mão, fotografias de famílias, livros de receitas, objetos sagrados, vídeos com registros de cultura oral, pareciam estar gravitando em torno dos amarelados cadernos de receitas. Toda essa materialidade, oriunda de empréstimo do acervo particular de dez famílias representando diferentes comunidades identitárias, trouxe para a exposição “*Migrações à Mesa*” a narrativa sobre as dimensões que a alimentação humana ocupa para o entendimento da cultura e da história de um povo.

Esse ambiente provocativo foi preparado na sala expositiva do Museu da UFRGS - Universidade do Rio Grande do Sul para despertar nos visitantes reminiscências familiares impregnadas de saberes e aromas das práticas cotidianas que envolviam a cozinha, e os processos de socialização, principalmente, das mulheres.

Assim, minha aproximação com os cadernos de receitas ocorreu nesse cenário construído no período em que fui bolsista no Museu da UFRGS nos anos de 2018 e 2019, e tive a oportunidade de acompanhar a montagem da exposição e posterior desenvolvimento. No decorrer das atividades culturais, foi possível observar os cadernos de receitas e suas potencialidades, enquanto objetos portadores de uma carga simbólica relevante para pensar o tema deste estudo.

Os elementos constitutivos dos textos expográficos davam conta da relação existente entre, os cadernos de receitas e suas redatoras, revelavam fragmentos de histórias familiares, e o contexto em que os cadernos de receitas surgiram. Entre as histórias apresentadas, a da família Silveira Souto despertou particular interesse no que se refere ao desenvolvimento deste estudo. O caderno de receitas pertencente a essa família, datado provavelmente da metade do século XIX, se configura como um repositório de memórias personalizadas (RAMOS, 2004), com lições do passado para o presente, que acompanha quatro gerações de mulheres da família.

Num primeiro momento, o estudo insinuou abordar os cadernos de receitas como uma criação artesanal de escrita predominantemente feminina¹, cujo texto está centrado na transmissão das práticas culinárias, passadas oralmente ou a partir da observação durante o preparo, destacando a cozinha como lugar de experiências de socialização e memórias do sujeito. Ao mesmo tempo, em que favorece questionamentos quanto à configuração dessas materialidades, como recurso para interpretações críticas da realidade, e atuação desse sujeito como agente de suas próprias construções diante de paradigmas socioculturais. Entretanto, o tema se desenvolveu analisando outros aspectos presente nos cadernos de receitas.

Com isso, a elaboração da pesquisa em torno dos cadernos de receitas apresentados na exposição *Migrações à Mesa* busca reconhecer sua representação como objetos de reconstituição do passado e acionador de memórias afetivas, qualidades que adquiriu no processo de modificação de coisas utilitárias do cotidiano para objeto biográfico, e dos acréscimos de valores no meio familiar, que os transformaram em peças de acervo particular. Articulado com suas potencialidades narrativas, ao serem observados num espaço de comunicação expográfica entrelaçando diálogos, revendo hipóteses para novas realidades.

Com base nessas considerações, justificamos a realização deste estudo, pela busca em contribuir para a reflexão sobre a relevância, dos cadernos de receitas na vida das pessoas como elemento constitutivo de sua identidade cultural, bem como, sua importância como meio de transmissão desta identidade para as novas gerações. Também, se almeja apontar questões referentes, à diversidade de conteúdos contidos no discurso dos receituários manuscritos que, ao serem aplicados em estratégias de aprendizagens, incidem no reforço da autoestima, na noção de pertencimento cultural e na formação de referências.

Interessa-se em debater, sobre as diferentes formas de expor e comunicar objetos de tutela familiar numa narrativa expográfica, destacando as apropriações simbólicas de diferentes grupos étnicos, valorizando, assim, a diversidade sociocultural regional. Além de pretender contribuir na análise perceptual sobre a

¹ A identificação de elementos compositores para debater questões de gênero como tema é interessante, e reconhecemos a potencialidade desta abordagem, não o desconsiderando para um estudo futuro. Entretanto, não foi o objetivo desenvolvê-lo neste trabalho, apesar de referências a este aspecto aparecerem eventualmente em outros momentos na redação do texto.

natureza material e efêmera, no que tange a sua produção artesanal, da permanência do caderno de receitas no meio familiar e a disponibilidade como patrimônio cultural em tempos digitais.

No que tange ao **problema** investigado, este estudo pergunta: os cadernos de receitas constituem-se em vestígios promissores para o estudo da memória social e identidade cultural?

Em resposta ao problema de pesquisa, este estudo apresenta como **objetivo geral** compreender como os Cadernos de Receitas constituem-se articuladores das relações familiares com desdobramento para construção da memória social e identidade cultural. Fundamentados no objetivo principal, os **objetivos específicos** se constituem em: Analisar os cadernos de receitas enquanto repositórios das crônicas familiares e dos fenômenos socioculturais; Problematizar compreendendo o processo de reunir objetos de um acervo particular para sustentar a narrativa da exposição *Migrações à Mesa*; Refletir sobre a capacidade evocativa dessas materialidades na configuração da exposição *Migrações à Mesa* acionando reminiscências afetivas do passado; Evidenciar as características que os tornam veículos difusores de conhecimento, de saberes tradicionais e de cultura.

Procurando expor as principais características do estudo, se aplicou a **metodologia** de pesquisa básica e exploratória, com o objetivo de gerar conhecimento relevante para discutir os Cadernos de receitas como instrumento de rememoração e documento auxiliar na construção da memória social e identidade cultural no âmbito da Museologia. A abordagem do estudo foi qualitativa, dessa maneira será possível delimitá-lo e conduzi-lo de forma flexível com foco nas coisas como acontecem, visto que para Godoy (1995, p.21) a mesma “[...] não se apresenta como uma proposta rigidamente estruturada, ela permite que a imaginação e a criatividade levem os investigadores a propor trabalhos que explorem novos enfoques”. Esse método apresenta uma compreensão maior das variáveis envolvidas no contexto do estudo realizando uma análise do caso de forma individual, Moresi (2003, p.9) considera que há “[...] um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números”. Desse modo, foi possível interpretar as relações entre os objetos pesquisados a partir das lembranças de seus guardiões.

Buscando maior familiaridade com o problema, o protocolo aplicado contemplou o estudo de caso e a análise documental. Yin (2001, p.27) afirma que “[...] o poder diferenciador do estudo de caso é a sua capacidade de lidar com uma ampla variedade de evidências – documentos, artefatos, entrevistas e observações- [...]”. No que se refere ao procedimento desta pesquisa “a etapa de análise dos documentos propõe-se a produzir ou reelaborar conhecimentos e criar novas formas de compreender os fenômenos”. (SÁ-SILVA; ALMEIDA; GUIDANI, 2009, p.10). Os documentos utilizados serviram como “fontes de informações, indicações e esclarecimentos que trazem seu conteúdo para elucidar determinadas questões e servir de provas para outras [...]” articulando reflexões teóricas e interpretativas a respeito do tema. (FIGUEIREDO apud SÁ-SILVA; ALMEIDA; GUIDANI, 2009, p.05).

O período como bolsista no Museu da UFRGS proporcionou a observação participativa, a identificação do problema desta pesquisa, o contato com o sujeito deste estudo e a reunião dos documentos analisados. Conforme Sá Silva, Almeida e Guindani (2009, p.10) “a valorização do documento como garantia de objetividade, marca indelével dos historiadores positivistas, exclui a noção de intencionalidade contida na ação estudada e na ação do pesquisador, sendo esse processo construído historicamente”. Por se tratar de uma pesquisa qualitativa, a escolha do corpus documental não obedeceu apenas às categorias pré- estabelecidas, mas também visando selecionar documentos e eventos que possam despertar sentimentos espontâneos e que acrescentem este lado humanista à análise dos dados obtidos.

A coleta de dados ocorreu em dois momentos distintos, através da observação participante e do uso da ferramenta da história oral. Por um acaso, no mesmo período em que fui bolsista no Museu da UFRGS, ocorreu a montagem e a abertura da exposição Migrações à Mesa, na qual tive a oportunidade de participar de algumas atividades de ação educativa e de acompanhar as visitas guiadas. Segundo Godoy (1995, p.27) “a observação tem um papel essencial no estudo de caso. Quando observamos, estamos procurando apreender aparências, eventos e/ ou comportamentos”. Com a aplicação da técnica de observação participante, foi possível obter informações suficientes para compreender de forma satisfatória o fenômeno estudado. O segundo momento de coleta aconteceu no registro da

história oral, que de acordo Alberti (2016) em sua publicação *Manual de História Oral* afirma que esta metodologia de coleta de dados desenvolveu-se inicialmente como um instrumento para dar voz a personagens sociais invisibilizados na construção da memória social.

Para a efetivação da coleta, foi feito um contato pela rede social Facebook com a filha do sujeito da pesquisa para consultar sobre o interesse de uma entrevista, com a confirmação formal e o dia marcado encontramos com a guardiã das memórias da família em sua residência na companhia de seus familiares, casualmente no dia estava comemorando seu septuagésimo oitavo ano de vida. Inicialmente, foi informada sobre a pesquisa através da Carta de apresentação, onde consta a autorização para ser identificada no desenvolvimento do estudo, o documento se encontra no **APÊNDICE A**. Em seguida, foi iniciada a construção dos dados com o seu relato, após o pedido para que contasse, sobre como e porque se tornou guardiã de um caderno de receita que, foi escrito provavelmente na metade do século XIX e que pertenceu sua bisavó, a pergunta tinha por finalidade conhecer a função de guardião da memória da família e o objeto salvaguardado. A entrevista foi realizada em um único dia, teve duração de uma hora e se desenvolveu tendo como norteadoras as questões que constam no **APÊNDICE C**. A entrevista foi inteiramente gravada com a concordância da interlocutora, expressada no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, apresentado no **APÊNDICE B**. Posteriormente, a entrevista foi transcrita de forma a ser posteriormente analisada.

A entrevista semiestruturada como um processo de coleta se destina a fornecer informações pertinentes para se interpretar o objeto da pesquisa científica e conforme destaca Alberti (2016, p. 22) a importância da entrevista de história oral, é a de “recuperar aquilo que não encontramos em documentos de outra natureza: acontecimentos pouco esclarecidos ou nunca evocados, experiências pessoais, impressões particulares [...]”. Acredita-se que dessa forma, foi possível obter informações suficientes para compreender de forma satisfatória o fenômeno estudado. Considera-se serem esses os métodos mais adequados para o tipo de estudo realizado nesta monografia.

Tendo em vista as características dos dados coletados, ocorreu à transcrição integral da entrevista, seguido da leitura atenta do material transcrito procurando identificar o máximo de detalhes que contribuíssem no trabalho. Juntamente com

este material foram agregadas as informações coletadas nas observações e os conceitos teóricos previamente estudados, a fim de reunir material para elaborar a seção cinco do trabalho, onde os dados foram interpretados. Por fim, às interpretações buscaram identificar os cadernos de receitas como instrumento de rememoração e fonte de memória social e identidade cultural procurando assim, ir ao encontro do objetivo geral e dos objetivos específicos deste trabalho.

O trabalho está estruturado em cinco seções. Na primeira seção, constam os contornos da investigação, as justificativas desse estudo, os objetivos gerais e específicos, a metodologia adotada, o desenvolvimento dos elementos de coleta de dados, os critérios de interpretação e de apresentação dos dados.

Na segunda seção, que aborda o referencial teórico relevante ao desenvolvimento da pesquisa, foram analisados os pensamentos sobre memória social e identidade cultural de Baudrillard (2008), Laraia (2009), Bosi (1983), Barros (1989). Já na terceira seção foi apresentado o contexto histórico das origens de uma das instituições mais antigas do ocidente - a universidade e sua organização ao longo do tempo, em três cenários distintos: na Europa medieval, no Brasil colonial após chegada da Família Real e na cidade de Porto Alegre no decorrer do século XX. Nesta seção também foi apresentado o projeto que deu origem ao Museu da UFRGS e a formação da parceria com a Rede de Museus e acervos Museológicos da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (REMAM).

Na quarta seção, o destaque foi a exposição *Migrações à mesa*, que contou com uma descrição detalhada do percurso expostivo para ambientar o leitor e, provocar ponderações sobre a exibição de objetos de estima de acervos particulares, para servir de fio condutor para debates sobre questões sociais, culturais e de identidade. Por fim, na seção cinco foi mencionada a relação entre os depoimentos da guardiã do caderno de receitas da família Silveira Souto e o conceito de memória.

Nas considerações finais fizemos uma síntese dos principais pontos abordados no trabalho e observações quanto a necessidade de mais aprofundamentos nos conceitos em alguns pontos.

2 REPOSITÓRIOS DA MEMÓRIA SOCIAL E DA IDENTIDADE CULTURAL

A exposição Migrações à Mesa, como meio de comunicação do Museu da UFRGS, vai trazer aspectos conceituais ligados à memória individual e coletiva e identidade cultural. Colocando as práticas que envolvem a alimentação como instrumento de proximidade identitária e inclusão sociocultural. Como estratégia aliou a subjetividade dos objetos de acervo familiar, dispostos nas vitrines, para conduzir a experiência em percurso muito mais do que cronologicamente, estabelecendo nos visitantes o papel ativo de produzir novas interpretações sobre a atualidade e suas múltiplas facetas.

Para tratar do tema desse estudo de uma forma mais abrangente, foi necessário apropriar-se de conceitos específicos de teóricos diretamente relacionados a essas questões e ao objeto da pesquisa. Tais conteúdos serão abordados inicialmente nessa seção e desenvolvidos ao longo da monografia.

A relação homem-objeto se organiza em torno de um ato intencional humano. Segundo Baudrillard (2008, p.10), essa convivência já foi mais equilibrada, quando o artesão produzia ferramentas em razão de questões básicas de sobrevivência e estabilização. Porém, toda a evolução que aprimorou a fabricação de uma variedade de artigos usuais, não só modificou os aspectos dessa relação como estendeu a atuação desses utensílios nas mais variadas combinações da vida humana.

Ao fazermos essa relação de produção e uso, vemos que, na medida em que eram criadas as necessidades no indivíduo, os artigos de uso se multiplicavam. De um modo geral as pessoas parecem distraídas com essa presença, por encontrar-se naturalizada em suas atividades. Sem saber ao certo o homem contemporâneo é manipulado por suas coisas e objetos bem mais, do que pode perceber: “[...] tendo sua finalidade se acentuado a tal ponto que hoje se tornaram quase os atores de um processo global do qual o homem é simplesmente [...] o espectador” (BAUDRILLARD, 2008, p.62).

Ainda, sobre a relevância das nossas coisas cotidianas, o autor supracitado, incorpora outro significado além do espaço de consumo e de trabalho em que os artigos de uso perpassam as variáveis do sujeito e seu ambiente. Segundo o autor, toda expressão da materialidade cultural está intrinsecamente relacionada às

subjetividades humanas, aos significados sociais e as representações culturais. Essas referências incorporadas no objeto irão direcionar o indivíduo para algo maior e, que será meio para outros fins: a consciência do “eu” e do “outro”, a percepção do que ocorre no mundo e como agir nele.

Para tanto, Baudrillard (2008) menciona que, para que as coisas da praticidade estabeleçam em si um papel ativo nas dimensões de sentido, é necessário que antes sejam destituídas de suas funcionalidades originais e passem a receber novos valores e significados que as tornem um objeto convencional, estruturado em uma expressão mais prolongada de sua definição prévia. Do ponto de vista do autor os objetos realizam essa dupla operação em seu aspecto funcional e simbólico dentro de um determinado sistema cultural. (BAUDRILLARD, 2008, p.10-11).

Neste contexto, Laraia (2009) acrescenta, a partir de uma reflexão teórica e analítica no campo da antropologia cultural, que o caminho pelo qual nossos ancestrais progrediram e se diferenciaram na natureza, passou por dois componentes fundamentais como enumera:

[...]: a possibilidade da comunicação oral e a capacidade de fabricação de instrumentos, capazes de tornar mais eficiente o seu aparato biológico. Mas, estas duas propriedades permitem uma afirmação mais ampla: o homem é o único ser possuidor de cultura. (LARAIA, 2009, p. 28).

A associação da capacidade do homem em usar a linguagem verbal (língua e ou escrita), com a habilidade em incorporar nas coisas uma infinidade de informações, possibilitou aos grupos coletivos a manutenção de suas memórias, a estabelecerem relações com outros grupos societários e a moldarem os contornos de sua cultura.

O mesmo autor citado integra o pensamento da antropóloga Ruth Benedict (1972) que se utiliza da metáfora de uma lente para explicitar o significado de cultura e de como ela orienta as relações em um corpo social. Por seu intermédio o homem é condicionado a perceber o mundo a sua volta tendo como referências um conjunto ordenado de valores, crenças, normas, e concepções de natureza intuitiva, resultantes das experiências das gerações anteriores e adquiridos enquanto integrante de uma determinada sociedade.

Neste sentido, de acordo com o referido autor esses aspectos intangíveis da cultura estão propensos a mudanças adaptativas e de atualização, sem as quais não haveria condição de se manter atuante no tempo e nos cenários sociais marcados por incertezas do real. E que, essas transformações além de confirmarem a dinâmica da cultura, também causam divergências entre as gerações, “[...] porque em cada momento as sociedades humanas são palco do embate entre as tendências conservadoras e as inovadoras”. (LARAIA, 2009, p.99). E nessa disputa entre o que permanece e o que se remodela, os objetos antigos tomam parte no processo gerando e fixando sentidos para os acontecimentos, agindo em diversas dimensões temporais simultaneamente.

Assim, na sua forma simbólica, os objetos evocam do passado preceitos, sem a intenção de fixá-los na atualidade, mas, para contribuir na reflexão e elaboração de novos arranjos e modelos e responder aos desafios do presente. Baudrillard (1993, p.98), declara não ter dúvidas de que “[...] os objetos desempenham um papel regulador da vida cotidiana, neles são abolidas muitas neuroses, anuladas muitas tensões [...], é isso que [lhes] dá uma alma”. A partir destas considerações se compreende a relevância dos objetos nas construções complexas das estruturas cognitivas no indivíduo e nos aspectos de socialização que o instrumentalizam para viver em sociedade.

Retomando Laraia (op. Cit.), para falar sobre a influência da cultura no comportamento social observado no trabalho da memória, temos que o hábito de contar histórias reais ou imaginárias possibilitou a transmissão das experiências humanas de uma geração para a suas sucessoras antes que essas as vivenciassem. Assim, o autor elucida que o homem “[...] é [...] herdeiro de um longo processo acumulativo, que reflete o conhecimento e a experiência adquirida pelas numerosas gerações que o antecederam”. (LARAIA, 2009, p.45).

O conteúdo informativo dessas narrativas construiria um acesso para o legado deixado pelos antepassados na forma de saberes tradicionais e conhecimentos. Portanto, por muito tempo a aquisição do saber esteve associada à habilidade da oralidade e ao armazenamento na memória coletiva. Esse papel social

era desempenhado por um guardião da memória², personagem que segundo Barros (1989, p. 34) “é figura fundamental [...] como responsável pela manutenção do valor-familiar”, cuja narrativa pedagógica transmitia os elementos culturais necessários aos mais novos para a sua formação identitária. A compreensão aqui, sobre a passagem do tempo é parte fundamental para que o mensageiro da memória passe pelo processo de aquisição de conhecimentos e de construção de um discurso didático dinâmico.

No entender de Bosi (1983), especificamente, esse tempo é depreciado numa sociedade estruturada pela lógica capitalista que retroalimenta as diferenças sociais, considerando a velhice um problema e a juventude um status valorizado e incentivado, a permanecer em todo ciclo vital do indivíduo. Em face dessa questão, a autora complementa de forma comparativa que mesmo na sociedade pós-moderna existem comunidades que são ponto de resistência ao pensamento ocidental, culturas em que a presença atuante da pessoa idosa é valorizada e seus saberes e conhecimentos reconhecidos como patrimônio mantenedor da cultura de seu grupo social. Corroborando com a afirmativa de que, o envelhecimento populacional é um fenômeno mundial, é também cultural e cada sociedade irá concebê-lo de maneira diferente.

Frente a quadros socioculturais de dualidades como esse, os museus com destaque para as exposições, tornam-se um espaço de ação social para mudanças transformadoras. Reconstruindo a partir da ideia de um tema, ambientes cênicos com recursos interativos, acervo exposto e ações educativas orientadas por uma concepção pedagógica que, proporciona ao visitante uma experiência multissensorial como consequência dos diálogos com posicionamento questionador e das inter-relações que surgem com as aproximações mediadas.

Com base nessa abordagem, o Museu da UFRGS em parceria com o Museu da Imigração do Estado de São Paulo, adaptou para a realidade cultural do Rio Grande do Sul a exposição - *Migrações à Mesa*. Com reflexões próprias, reorganiza a estrutura expográfica para abordar a temática da alimentação como

² O guardião da memória familiar, na concepção de Barros (1989), é o personagem que tem por missão mediar o passado entre as gerações, mantendo o legado da família. É comum, as pessoas mais velhas tomarem para si essa função, utilizando-se além das próprias memórias os objetos de rememorar, assim, contam histórias do pretérito tendo sempre em vista o futuro, para tanto, as disponibilizam para as novas gerações acrescentarem referências atuais aos modelos, mantendo, contudo, a essência transmitida.

cicerone de debates sobre questões sensíveis de memória afetiva e degustativa e, dos significados dos traços culturais adaptados na culinária local e nacional, tornando-a única e de todos ao mesmo tempo, servindo-se de acervos familiares e de ações educativas com foco multidisciplinar.

Desta maneira, o discurso expográfico foi adquirindo forma e se estabelecendo durante as mediações com o público e, a exemplo das receitas, o conhecimento e a informação foram sendo compartilhado com a produção de um caderno de receitas, feito com a escrita do público visitante e, com as degustações de preparações feitas nas apresentações das palestras. Essas experiências de momentos e sensações geram memórias para serem revisitadas na forma de expressões soltas no espaço/tempo por quem as vivenciou.

3 TRADIÇÃO E CULTURA NOS MUSEUS

Nesta Seção, faremos uma breve passagem pelo contexto histórico de uma das instituições mais antigas do ocidente, a universidade e, como sua organização se apresentou ao longo do tempo, em três cenários distintos: na Europa medieval, no Brasil colônia e na cidade de Porto Alegre no decorrer do século XX. Veremos o surgimento do Museu da UFRGS, concomitantemente ao trabalho de recuperação do patrimônio edificado da instituição e por fim, a criação da REMAM, uma parceria entre o Museu da UFRGS com as demais unidades responsáveis pela gestão de acervos, para desenvolver ações integradas visando à preservação, a visibilidade e a acessibilidade de uma multiplicidade de acervos e coleções distribuídas entre os campi da Universidade. Acreditando ser relevante conhecer o local onde foram construídas as narrativas dos objetos de acervo familiar em especial as dos cadernos de receitas na exposição *Migrações à mesa*.

3.1 Universidade: a construção de um conceito

Ao analisar a construção do conhecimento humano Burke (2003), afirma que a universidade em seu estado embrionário era parte de uma instituição mais antiga que detinha o controle e o monopólio do conhecimento, a Igreja. Conforme o autor, as universidades são a extensão dos modelos dos colégios episcopais, que funcionavam anexos às catedrais. Quando o conhecimento ultrapassou as muralhas

isoladas dos mosteiros, abrigo-se em novos formatos institucionais nos centros urbanos do velho mundo, criaram-se condições favoráveis para idealizar a primeira geração de universidades na Europa medieval em meados dos séculos XI e XIII, com destaque para a Universidade de Bolonha na Itália e a Universidade de Paris na França.

Ainda citando Burke (2003, p. 37), entre conflitos e avanços, a universidade permaneceu numa inércia institucional secular, ao resistir às propostas de uma nova filosofia que empregava a lógica dedutiva num ensino voltado à inovação intelectual. As mudanças ocorreram com os movimentos que surgiram na Europa nos séculos XV e que se prolongaram até o século XVIII, trazendo ares de renovação cultural, de novas concepções do pensamento humano na construção do saber, de rompimento com os dogmas religiosos e de sistematização do conhecimento existente.

Essas foram as bases para a institucionalização de um conhecimento mais estruturado e prático, ou seja, o conhecimento/saber como produto da pesquisa científica, distanciando a universidade do meio em que foi concebida. (BURKE, 2003, p. 39).

3.2 O Ensino Superior no Brasil e a espera pelo século XX

Sampaio (1991) afirma que, apesar da fundação da primeira universidade no Brasil ter ocorrido somente no século XX, os anseios para tal intento se iniciaram ainda no período colonial. Após a vinda da corte portuguesa em 1808, ocorreram as primeiras tentativas de estruturação de um sistema de ensino superior no país. Os grandes projetos para a criação de uma universidade resultaram em um ensino tão tímido quanto às instalações físicas que sediavam as Escolas Superiores. Nesse período a educação superior no Brasil foi caracterizada como um sistema controlado pelo Estado que privilegiava a elite brasileira com a formação nas profissões liberais assegurando-lhe “[...] um diploma profissional, o qual dava direito a ocupar posições privilegiadas no restrito mercado de trabalho existente e a assegurar prestígio social”. (SAMPAIO, 1991, p.2).

Durante o século XIX, nenhuma expressão significativa de mudança no sistema educacional ocorreu para que o ensino superior se organizasse na forma universitária. Porém, o cenário começa a se modificar no século XX. Sobre isso, Sampaio (1991) explica que a necessidade de incluir a pesquisa científica num

espaço acadêmico autônomo, promoveu o debate sobre a reformulação de todo o ensino brasileiro, buscando aproximá-lo de realidades sociais distintas. Mudanças que tinham em vista a redemocratização do país e um cenário mundial marcado pelo avanço tecnológico e acelerada globalização econômica no final do século XX.

3.3 Universidade do Rio Grande do Sul - breves apontamentos

A cidade de Porto Alegre do final do século XIX encontrava-se sob os ideais da República e de uma forte influência do pensamento positivista que, defendia a ideia de que a educação é a base para o desenvolvimento social, através de uma formação técnico-profissionalizante em instituições livres. Neste contexto, surgem as primeiras unidades de ensino superior no Rio Grande do Sul, como a Escola Livre de Farmácia e Química Industrial, de 1895, a Escola de Engenharia, em 1896, a Faculdade Livre de Medicina, de 1898 e a Faculdade Livre de Direito, em 1900.

Segundo Toniolo (2014, p. 63), apesar de serem instituições autônomas que funcionavam em salas alugadas, receberam do Estado, na forma de doação, os terrenos para a construção de seus prédios. A Escola de Engenharia foi a primeira a erguer sede própria, iniciando a configuração dos quarteirões do campus do centro.

Com a fundação do Ministério da Educação e Saúde Pública em 1930, a Reforma da educação superior de 1931 que definiu o modelo de universidade a ser seguido no Brasil e que, termina por modificar a situação das escolas livres de ensino superior, encontrou eco nas reivindicações de intelectuais e estudantes para a instalação de uma universidade no Estado. Assim, como nos informa Toniolo (2014), o aglomerado de edificações das escolas superiores passou a ser em 1934, o núcleo embrionário da Universidade de Porto Alegre (UPA).

A partir desse momento, a instituição passou por profundas transformações, que modificaram sua estrutura organizacional, como quando foi transferida para a esfera administrativa da União em 1950. Como Universidade Federal vem desempenhando um papel significativo e de referência nacional em defesa ao acesso à educação dentro dos princípios dos direitos fundamentais, cumprindo dessa maneira com sua missão pública de preparar profissionais para os vários segmentos sociais e formar cidadãos críticos e integrados na sociedade.

Dos quatro campi que compõem a Universidade em Porto Alegre: Campus Centro, Campus da Saúde, Campus Olímpico, Campus do Vale, o mais antigo é o do Centro. Esse reúne em dois quarteirões um conjunto de prédios construídos entre os anos de 1898 e 1928, que ilustram a forte tendência arquitetônica inspirada nos grandes estilos do passado, usando como referência o traçado característico do estilo Eclético. Atualmente essas construções são reconhecidas como patrimônio arquitetônico, cultural e da identidade da sociedade sul-rio-grandense.

Entre essa série de edificações históricas, encontra-se o prédio construído em 1910, que recebeu o Laboratório de Resistência de Materiais e o Laboratório de Curtume e Tanantes da Escola de Engenharia e que, mais tarde, se tornaria a sede do Museu da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Museu da UFRGS).

3.4 Museu da UFRGS: um museu interdisciplinar

Ao falarmos sobre museu, a primeira lembrança que surge ainda é a de um local pouco atraente, muito pela carga de estereótipos negativos que, associam a imagem do museu a um lugar que mantêm coisas velhas, sem utilidade para a vida contemporânea ou um espaço de comunicação que, utiliza uma linguagem hermética que dificulta o entendimento das estruturas narrativas presentes numa exposição. Contudo, refletindo sobre o conceito e o papel dos museus, Mário Chagas (1996) propõe que os museus são como uma realidade em trânsito, cujas mudanças os distanciaram de suas expressões remotas e, diferenciaram suas funções na medida em que novas categorias de museus foram surgindo, podemos destacar como exemplo pertinente os museus universitários.

Conforme Fagundes e Chagas (2017, p.1135), os mesmos apresentam características específicas, enquanto instituições de caráter jurídico “Os museus universitários são muitos e variados [...]”. Consideram ainda:

[...], sua origem, elaboração de missão e objetivos, formação e constituição de acervo, processos de escolha de exposição, [...] sua relação com a comunidade universitária e sua inserção dentro da mesma [...]. [além do] papel e o lugar ocupado por eles na sociedade. (FAGUNDES e CHAGAS, 2017, p. 1134).

Antes que as universidades se organizassem como protagonistas do saber, os museus científicos (museus de história e ciências naturais) desempenhavam relevante trabalho de investigação, de catalogação e de promoção do conhecimento

no âmbito das ciências, tornando-se repositórios dos elementos da natureza. À medida que as universidades se destacavam, passaram a criar seus próprios ambientes de pesquisa e de promoção da cultura.

Dessa forma, como observamos em Fagundes e Chagas (2017) os museus universitários tornaram-se uma variação fecunda do ambiente investigativo de ensino e aprendizagem, atuando como instrumento pedagógico de aproximação entre a comunidade acadêmica e as diversas realidades ao seu entorno, integrando suas práticas museológicas de preservar, documentar, pesquisar e comunicar (através das exposições e das ações educativas) a tríplice primazia da Universidade - ensino, pesquisa e extensão.

Desenvolvendo meios para compartilhar esses resultados, socializando-os com a comunidade interna e externa, e numa conjunção de diferentes informações e conhecimentos, se elabora ou reelabora um novo conhecimento coletivo aplicável e transformador em vários níveis.

Foram sob essas perspectivas que, se delinearam os ideais para o surgimento de um museu para a Universidade. A trajetória histórica do Museu da UFRGS está entrelaçada à proposta de um projeto para criar um Centro Cultural no campus central, seguida de outras como: a abertura de alguns museus e a preservação do patrimônio histórico edificado da universidade, uma vez que, alguns cursos saíram do campus central e foram alocados nos novos campi que estavam sendo construídos, como o da saúde e o da agronomia deixando assim seus antigos prédios sem uso.

O Centro Cultural era um projeto dirigido diretamente pelo Reitor, resultante de um diagnóstico sobre o espaço físico da Universidade, o espaço que seus prédios históricos ocupavam no contexto da cidade e a função cultural que a universidade poderia ocupar junto a cidade e o estado. O Centro Cultural consistia em recuperar os prédios históricos seus entornos com ajardinamentos e espaços de convívio e destiná-los a atividades diversas relativas a um centro cultural. Dentre as atividades estava a criação de vários museus. Para melhor operacionalizar o Projeto central do Centro Cultural o Reitor Francisco Ferraz cria os Projetos Especiais. [...] Dentre os Projetos Especiais estava o Museu Universitário. (FAGUNDES e CHAGAS, 2017, p.1137- 1138)

Segundo Fagundes e Aristimunha (2010), o museu foi denominado inicialmente como Museu Universitário, e tinha com a função de legitimar a história, a memória e a autoridade científica acadêmica para a sociedade como um todo.

Surge como órgão vinculado à Reitoria da Universidade, sem locação própria e sem acervo definido numa área específica do conhecimento, diferente de outros museus universitários classificados conforme a origem de suas coleções.

A respeito de algumas peculiaridades do museu as autoras explicitam que:

O Museu da UFRGS caracteriza-se por ser um museu universitário. No entanto, não pode ser classificado como um museu específico de uma área do conhecimento ou disciplina. É diferente de um museu de paleontologia, de física, de topologia, mineralogia, do motor ou da memória do esporte. Portanto, não atende apenas um grupo fechado de pesquisadores/interessados na área e não possui coleções para ensino e pesquisa exclusivamente voltado para o público acadêmico e da educação básica". (FAGUNDES E ARISTIMUNHA, 2010, p.48).

Aspectos esses que, reforçam a principal característica do Museu da UFRGS a multidisciplinaridade, que possibilitou desde sua fundação em 1984, explorar os mais variados temas e articular acervos. Portanto, é um equívoco circunscrever o acervo do Museu da UFRGS em um âmbito acanhado de materialidades. O acervo do Museu adquiriu e permanece adquirindo contornos e volume tanto dentro quanto fora da reserva técnica, a exemplo da aquisição de fundos documentais e coleções fotográficas sobre a memória social da Universidade e da cidade de Porto Alegre e do Rio Grande do Sul.

Sem um espaço físico para ter como sede, o Museu Universitário ocupa o segundo andar da Reitoria da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, utilizando seus espaços culturais para montagem de exposições. A situação se modifica, na medida em que, as intervenções e adaptações aplicadas no prédio do antigo Laboratório Curtume e Tanantes foram sendo concluídas. O prédio que agora abriga coleções e produz eventos expositivos, foi no passado utilizado para outros fins, voltados aos experimentos acadêmicos, desconsiderando qualquer relação com produção cultural simbólica e memória social.

De acordo com Toniolo (2014), a criação do prédio ocorreu para atender a uma necessidade da Escola de Engenharia, que precisava de um local amplo para realizar as aulas práticas dos ensaios tecnológicos. Assim, em 1910 foi construída a primeira edificação do segundo quarteirão do Campus Centro da universidade, que receberia o Laboratório de Resistência de Materiais da Escola de Engenharia.

Após um longo período de múltiplos usos, o prédio encerrou suas atividades sendo interditado em 1996. Com a intenção de recuperar as condições físicas da edificação e refuncionalizar seu espaço, Fagundes e Chagas (2017, p.1145) relatam que, foi realizado um trabalho de intervenção e restauro através do Projeto Resgate do Patrimônio Histórico e Cultural da Universidade Federal do Rio Grande do Sul cujo propósito, era a revitalização e valorização do patrimônio arquitetônico e histórico da Universidade além, de criar espaços com identidade museológica e cultural. Com a finalização das obras, o prédio do Curtume e Tanantes torna-se um legado do passado de valor incontestável como referencial histórico da Instituição e sociocultural da cidade de Porto Alegre, além de apto a ser sede permanente do Museu Universitário que passa a chamar-se Museu da Universidade do Rio Grande do Sul, no ano de 2002.

3.5 REMAM: espaços científico-culturais articulados em rede.

De acordo com Fagundes e Chagas (2017), a característica de articulador do Museu da Universidade foi identificada desde o início de suas atividades e com a mudança em seu perfil, de Museu de História da Universidade, passa a trabalhar com a memória social desta, através do exercício constante de montagens de exposições. Essa dinâmica propiciou uma parceria, com as demais unidades de acervos espalhadas pelos campi da Universidade e, com ela veio junto à necessidade de uma política de gestão desses acervos. Em resposta, a essa demanda, em 2011 nasce a Rede de Museus e Acervos Museológicos da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (REMAM/UFRGS), uma rede de articulação entre esses espaços científico-culturais organizada de forma democrática, de adesão voluntária, sem hierarquização, de atuação integrada entre seus membros. Entrando um pouco mais nessa ideia de rede Souza et. all (2017) esclarecem que:

[...], a REMAM é coordenada pelo Museu da UFRGS, [...]. Entretanto, de acordo com as características de uma rede, o que se tem almejado é a atuação integrada dos membros, sem hierarquização. Dessa forma, as decisões da REMAM são tomadas de forma democrática em encontros periódicos, a que todos os membros são convidados a participar. (SOUZA et. all, 2017, p.1156).

A REMAM é formada, por um conjunto de espaços de configuração museológica distinta entre si são: Museus, Laboratórios, Herbário, Instituto,

Memorial, Planetário, Observatório, Arquivo Histórico, Biblioteca, Núcleo de pesquisa, Acervo Histórico, Centro de Memória, Pinacoteca, Setor de Arquivo artístico e Coleção, onde se reúne uma diversidade de bens culturais tangíveis e intangíveis que dão forma ao patrimônio histórico científico-cultural da UFRGS. Nessa perspectiva a REMAM busca:

[...] incentivar e qualificar a atuação museológica, ressaltando a valorização do patrimônio da UFRGS, atuando como aglutinadora dos diferentes espaços de memória da universidade, fomentando a articulação entre os mesmos, de modo a favorecer a mediação, a parceria, o intercâmbio de informações e a formação profissional de seus membros. (FAGUNDES e CHAGAS, 2017, p.1150).

Cabe ainda ressaltar sobre a adesão do Curso de Museologia à Rede, no que concerne ao campo da formação, capacitação profissional e comunicação. Desse encontro, resultou um aprofundamento nos processos de ensino/ aprendizagem do alunado do curso, transformando o Museu da UFRGS num espaço complementar de práticas e intercâmbio técnico, científico e, cultural ao inseri-los num contexto profissional. Tanto na condição de bolsistas, quanto na realização da atividade da disciplina do curso denominada Prática de Exposições Museológicas, momento em que os graduandos se sentem à vontade, diante do desafio em conceber a exposição curricular realizada em parceria com o Museu da UFRGS e, os espaços parceiros da REMAM, juntamente com outras instituições museológicas da cidade, principalmente no que tange a locação de espaço, empréstimo de acervos e divulgação ao público interno e externo

A exemplo do ocorreu, durante meu período como bolsista na REMAM, que coincidiu com o momento da montagem da nossa exposição curricular intitulada *Tic-Tac : nas cordas do tempo*³ e com a do Museu da UFRGS denominada *Migrações à Mesa*, foi nesse espaço de tempo que aconteceu o encontro com os cadernos de receitas. Ocasão de intenso intercâmbio de conhecimentos, que contribuiu para aquisições singulares no campo das vivências do saber fazer museológico.

³ Tic-Tac: nas cordas do tempo, foi a 9ª exposição do curso de Museologia elaborada em dois momentos distintos: o primeiro ocorreu no desenvolvimento do projeto da exposição e o segundo na construção do cenário expográfico, um processo que se realizou em dois semestres. A Tic-Tac: nas cordas do tempo é uma exposição curricular temporária que, permaneceu montada no mezanino do Museu da UFRGS no período de 17/05/2019 a 15/06/2019, através de seus núcleos expositivos procurou problematizar três questões que, acompanham a humanidade desde as sociedades primitivas: o tempo, o trabalho e a produtividade. A narrativa expográfica buscou pontos de reflexões sobre o tempo e o uso de marcadores inventados para acelerar os processos do cotidiano da vida humana e, como esse sistema disciplinador impactou e modificou as relações humanas nas esferas familiar, social e econômica ao longo do tempo. Nessa esteira, a exposição apresenta grupos sociais que, resistem de alguma maneira a esse ritmo de vida adestrada e subordinada ao controle e, finaliza deixando um questionamento: Como a sociedade contemporânea e seus participantes se relacionam com essas questões em meio às tecnologias de inovação?

Nesta seção, vimos à formação do local que concentrou o conhecimento científico nos princípios da rigidez e da seleção e suas transformações ao longo do tempo e, chegamos ao Museu da UFRGS originário da proposta da criação de um Centro Cultura, que visionava abrir a Universidade para a sociedade, transformando seus espaços em áreas de convívio e para atividades culturais diversas. Neste contexto, o Museu se destacaria em sua trajetória tornando-se um equipamento de cultura, pesquisa, educação, formação e articulador de uma rede de museus e acervos da universidade.

4 MIGRAÇÕES À MESA: REALÇANDO MEMÓRIAS, HISTÓRIAS, SABERES E SABORES

Nesta seção, percorremos pelo espaço expositivo, que além de apresentar a exposição *Migrações à Mesa*, remeterá a uma análise reflexiva sobre a reunião de objetos de acervos familiares para formarem um conjunto expositivo, e as experiências das ações educativas em suas propostas de ampliarem os diálogos entre a exposição e o público visitante. E assim, introduzimos algumas considerações importantes relacionadas à concepção central deste estudo que são os Cadernos de Receitas.

4.1 Expressões simbólicas nos objetos de herança

Neste tópico, vamos analisar o processo pelo qual foi pensado o acervo que auxiliou na narrativa expográfica e as estratégias para reunir estes objetos. Abordar a maneira como estes foram reunidos é importante, visto seus atributos para construir a narrativa de uma exposição, instigar debates contemporâneos sobre memórias e identidade cultural, reconhecer a diversidade cultural em determinada sociedade, produzir conhecimentos e fortalecer de valores e vínculos ancestrais.

O processo para encontrar os guardiões da memória familiar e selecionar os objetos de seus acervos, sobreveio por meio das redes sociais. A equipe do museu, responsável pela curadoria da exposição, divulgou na plataforma do Facebook⁴ o convite e as orientações para que as famílias participassem da exposição.

Figura 1- Material gráfico para divulgação do convite



Fonte: Facebook do Museu da UFRGS⁵

Após isso, começaram a chegar ao museu, descendentes de famílias de diferentes origens étnicas, com seus acervos familiares formados por cadernos de receitas dos mais variados tipos, tamanhos e estado de conservação, utensílios, equipamentos e enfeites de cozinha, peças da rouparia de mesa (toalhas, guardanapos e trilha), fotografias de família, símbolos religiosos, entre outros.

Os cadernos de receitas, em especial, acabaram por tornar-se o fio condutor das entrevistas, que buscavam conhecer as histórias por trás das receitas de família, suas origens, em quais ocasiões eram preparadas, o local onde a família se reunia para degustá-las, a louça em que eram servidas, mas, principalmente trazer à tona a biografia das autoras destes cadernos de receitas. Esses depoimentos contribuíram também, com conteúdo informativo para a produção dos textos expositivos, que atraíam a atenção do público, indicando em quais contextos o tema da exposição se desenvolveria.

⁴ <https://www.facebook.com/museu.ufrgs/>

⁵ Imagem retirada da publicação do Facebook do Museu da UFRGS Disponível em <https://www.facebook.com/museu.ufrgs/photos/a.260262577395048/1763404963747461/>. Acesso em 01 fev. 2022.

O inventário dos artefatos indicava que se tratava de objetos que adquiriram representações afetivas e de identidade. Ramos (2004, p.106), salienta sobre o “[...] poder de sintetizar uma vida inteira, em sintonia com a memória que se deseja perpetuar” que estes objetos podem adquirir. Dessa forma, se compreende o trabalho dos guardiões da memória ao concentrar esforços na recusa, à destruição material e simbólica desses objetos, por representarem no meio familiar a manutenção da unidade institucional. Entretanto, na medida em que sua presença é registrada no espaço museológico e são apresentadas ao público por meio de uma ação comunicativa com alinhamento teórico e político, as dimensões de interpretação e de produção de sentidos se dilatam.

Assim, Ramos (op. cit.) retorna enfatizando o trabalho da equipe do museu ao estabelecer critérios para conceber a forma de apresentação desse acervo, para sustentar a narrativa do tema proposto, oportunizando ao público acessar possibilidades interpretativas do que observa e não a um discurso direcionado a trajetórias ilustres.

Ao comentar sobre a atuação do museu na mediação entre o indivíduo e o ensino o autor articula que:

O museu que expõe estudos da cultura material tem condições para se transformar em espaço de insubstituível importância nos procedimentos de renovação pedagógica, trazendo para o ato de aprender o compromisso com o mundo vivido e os desejos de transformá-lo. [...]. Mas isso não se faz de modo solitário. É preciso que haja o envolvimento de outras instituições [...]. (RAMOS, 2004, p. 16)

Dessa forma, os objetos de memória afetiva inseridos numa proposta educativa, apresentam algo novo, permanecendo ativos para construir diálogos sobre questões sociais complexas. Alargando a compreensão do termo acervo familiar para além da relevância de evocar a biografia de seu titular ou ativar recordações pessoais. Nossas coisas afetivas tornam-se recursos preservadores e evocadores da memória coletiva, instrumentos comunicadores informais de conhecimento histórico e social dentro de um espaço de memória e de mediação do conhecimento científico ou onde se trabalhe a ideia de acesso à informação e a educação integral.

4.2 Expondo o enxoval da mesa posta

A exposição *Migrações à Mesa*, apresentada pelo Museu da UFRGS, no período de dezembro de 2018 e outubro de 2019, foi concebida originalmente pelo Museu da Imigração do Estado de São Paulo e, adaptada pelo Museu da UFRGS aos traços da diversidade cultural do estado do Rio Grande do Sul. Apesar de ter sido uma exposição fruto da parceria entre instituições de caráter museológico, foi também, um trabalho de elaboração interna do Museu da UFRGS, que teve como objetivo proporcionar aos visitantes o contato com a diversidade étnica e, suas influências presente tanto na formação da cultura gastronômica brasileira quanto regional.

Nesta exposição, a alimentação foi apresentada como uma maneira de conhecer e entender a cultura e a história de um povo, o que pode ser percebido nos dois textos de apresentação da exposição⁶. A introdução ao tema apresentada na produção textual do Museu da UFRGS, explica que:

[...] a alimentação humana é um ato social e cultural que envolve desde a escolha e classificação dos alimentos até a forma como comemos e com quem os compartilhamos.

Para além de sua dimensão biológica, a comida e o ato de se alimentar são entremeados por fatores históricos, geográficos, ecológicos e econômicos. Portanto, é mais que um inventário de alimentos e receitas. A alimentação é também uma forma de conhecer e entender a cultura e a história de um povo. [...].

[...] Por meio de uma parceria entre o Museu da UFRGS e o Museu da Imigração do Estado de São Paulo, apresentamos a exposição “Migrações à Mesa”, concebida originalmente pelo Museu da Imigração/SP e aqui adaptada para a região do Rio Grande do Sul. Um cardápio preparado com muito cuidado a partir da contribuição de diversas famílias e seus Cadernos de Receitas e objetos de memória.

Recheadas de ingredientes como Memória, Cultura e Identidades, nossas receitas pretendem reforçar o necessário diálogo intercultural, na compreensão de que entre as diversas etnias encontramos diferenças e semelhanças que, longe de nos afetar, podem e devem nos enriquecer e aproximar.

Desejamos que você saboreie uma deliciosa visita! (CURADORIA MUSEU DA UFRGS)

Por sua vez, no Museu da Imigração do Estado de São Paulo⁷, a equipe destacou a temática com as seguintes palavras.

[...]. Os sabores familiares evocam de certa forma as mais antigas lembranças afetivas relacionadas às memórias tanto individuais quanto coletivas.

Os cadernos de receitas são, além de repositórios dessas heranças culturais, objetos palpáveis e singulares em seu aspecto material – a caligrafia, a tinta, o idioma, a organização e o estilo os tornam índices de relações sociais e familiares, vividas de maneira única por cada indivíduo. Porém, os tesouros afetivos que essas receitas guardam junto com as delícias que preservam do tempo não repousam apenas em cadernos; ocupam também importantes lugares na memória. É por meio dela que o

conhecimento é transmitido de geração a geração, por meio da experiência cotidiana, do convívio e da observação.

As origens migrantes desse patrimônio estão presentes em algumas das receitas escritas, mas também na memória e no próprio temperamento de cada participante. O fato de, às vezes, as receitas consideradas típicas não estarem entre as anotações também nos faz pensar sobre as ausências [...]. Aflora os inúmeros pontos de encontro, cada cultura dá origem, ao migrar, a uma nova cultura: isso também se passa com as receitas- aperfeiçoadas, misturadas, rasuradas e incorporadas ao longo do tempo e através do espaço.

Apresentamos a exposição “Migrações à mesa”, um convite a folhear histórias que são ao mesmo tempo únicas e de todos nós. (CURADORIA MUSEU DA IMIGRAÇÃO)

O Museu da UFRGS, pela própria dinâmica interna da Universidade, possui princípios norteadores definidos que o direcionam a abordar em suas temáticas a diversidade de forma interdisciplinar. Neste contexto, tem-se a exposição *Migrações à Mesa* que explicitou essa característica institucional, estabelecendo diálogos interculturais focados no entendimento de que a diferença é um recurso social a se valorizar na constituição de uma determinada cultura.

Dessa maneira, a exposição foi concebida de forma a entrelaçar conhecimentos tradicionais de diversas culturas e, seus registros de trajetória biográfica associados ao conhecimento de diferentes áreas científicas. Todo esse conjunto de materialidade e imaterialidade, conjugado a uma abordagem educativa interativa, atendeu ao público visitante.

A programação das atividades educativas, de um modo geral, contou com uma extensa lista de eventos culturais entre eles podemos citar: A oficina “Cozinhando Memórias” uma parceria do Museu da UFRGS com a UFCSPA onde em cada encontro uma receita saía das folhas amareladas dos cadernos para ser degustada; O encontro Roda de Conversa: comida e ancestralidade com os convidados Iyá Sandrali Bueno – Autoridade da tradição de Matriz Africana e Afrodiaspórica, Rainha Ginga Francisca Dias – Maçambique de Osório e a Griô Maria Eliane Espíndola – Quilombo Mocambo e, como mediador esteve Ubirajará Toledo - IACOREQ e CODENE/RS. A atividade tinha como proposta aproximar o público e os representantes dessa ancestralidade para dialogar sobre as expressões culturais afro-gaúchas a partir de suas vivências.

⁶ A transcrição dos textos de apresentação da exposição, foi feita a partir de um registro fotográfico realizado da autora da pesquisa na exposição *Migrações à mesa* no Museu da UFRGS.

⁷ Para mais informações sobre a exposição sugere-se a visita ao endereço disponível em: <https://museudaimigracao.org.br/exposicoes/virtuais/migracoes-a-mesa>. Acesso em: 20 jan 2020.

O documentário⁸ *Alimentação, Cultura e Identidade*, construído através de múltiplas vozes que exploraram o universo do alimento para além do seu ato, considerando-o uma forma de preservar a cultura e constituir a identidade de um povo. O documentário foi promovido pelo Museu da UFRGS e produzido pelo programa Multiponto da UFRGS TV; A exposição temporária denominada *Linhas e Agulhas, Pratos e Panelas: O bordado e a cozinha*, de curadoria da Professora Cleci Favaro baseada em sua pesquisa e nas vivências que teve desde sua infância, com os panos de prato e suas representações no ambiente da cozinha.

Por fim, a exposição fotográfica *Os gaúchos e o churrasco: uma jornada ao redor do fogo* colocou ponderações sobre as influências do churrasco na cultura gaúcha, por meio, dos registros imagéticos da fotógrafa Carin Mandelli mostram as inúmeras maneiras locais de se assar essa iguaria. Todas estas e outras atividades culturais foram organizadas a partir da exposição principal em cartaz e em parceria com várias instituições.

Fazendo uma breve consideração, na percepção de Cury (2005, p. 367) uma exposição “[...] é a possibilidade de o público de se apropriar do modelo proposto pelo museu, reelaborá-lo e recriá-lo na forma de um novo discurso”. Podemos, portanto, pensar uma exposição como o enquadramento das questões do mundo, onde podemos ampliá-la ou aproximá-la de nosso mundo representativo como reflexo de um espelho.

A partir desse entendimento, as vivências através das ações educativo-culturais se traduziram em educação para a diversidade, experiências ricas para reflexões sobre a influência de diversas culturas como referências patrimoniais para a cultura gaúcha, o autoconhecimento ao percebermos nossas preferências alimentares como uma representação social e a presença de atores sociais suas histórias, conflitos e a capacidade de empregar seus saberes tradicionais nas resoluções de questões cotidianas.

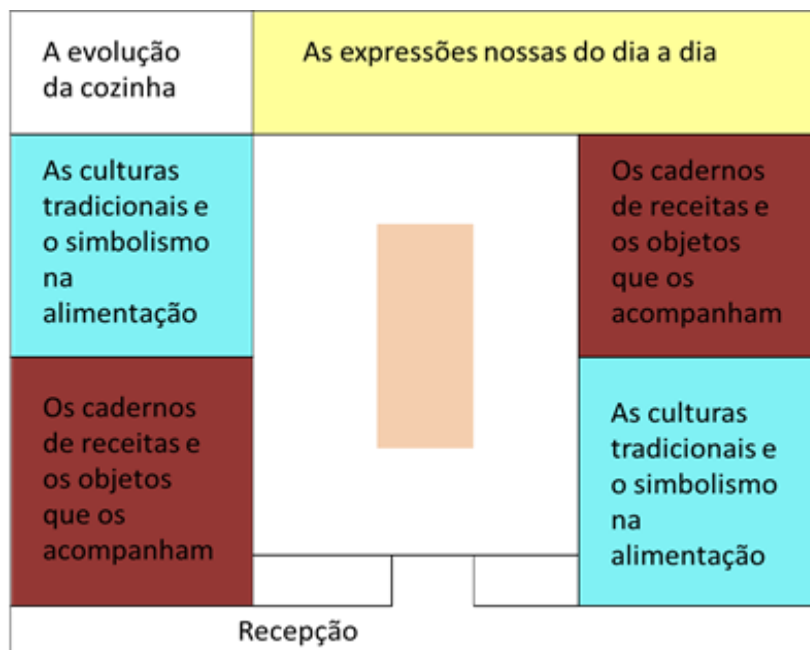
⁸ Documentário - Alimentação, Cultura e Identidade. Disponível na plataforma do *youtube* em <https://youtu.be/6pVgTNcQ9G8>. Acessado em 10/02/2022

4.3 Percorrendo o circuito expositivo

O acesso à exposição dava-se pela recepção do Museu, onde os visitantes espontâneos ou em grupos recebiam orientações e assinavam o livro de presença. Os grupos escolares agendados, eram acompanhados pelos mediadores que a partir de um diálogo intermediado, auxiliavam o público na aproximação entre o conhecimento científico e suas experiências pessoais, propiciando diversificadas interpretações sobre o acervo apresentado e o discurso expositivo de maneira didática e fruída, assim seguiam descortinando o panorama da exposição.

Para melhor descrever o espaço construído, propomos aqui, destacar cinco ambientes como uma maneira de facilitar a descrição na comunicação expográfica. O quadro⁹ 1 abaixo apresenta a divisão em módulos.

Quadro 1- Indicações dos módulos expositivos



Fonte: Elaborado pela autora (2022)

⁹ O quadro foi uma produção da autora da pesquisa, para conseguir descrever a exposição de forma organizada, os nomes dos módulos foram atribuídos pela pesquisadora com o objetivo de proporcionar uma visualização mais eficiente dos conteúdos. Saliento que os nomes apresentados, não correspondem necessariamente aos definidos na expografia do Museu da UFRGS nem, aqueles propostos pelo Museu da Imigração/SP.

Com a definição dos espaços, adentramos ao salão principal onde teremos uma visão geral da composição que valorizou e conferiu significados aos objetos, assim como, definiu um circuito sugerido. Pensando no acolhimento dos visitantes e, para remetê-los ao aconchego de uma cozinha foi utilizada uma combinação de cores claras e escuras e suas variações no azul esmeralda, amarelo, branco, preto e marrom. Essa cartela de cores foi predominante na exposição e esteve presente nas paredes fixas, nas paredes móveis, na divisória, na base das vitrines, na mesa central, nas mesas de apoio, nos acentos e demais mobiliários de suporte e proteção de acervos.

As ilustrações trouxeram outros elementos que fazem parte do universo de uma cozinha como: o fogão a gás com uma panela e uma coifa de parede, a geladeira com pinguim em cima, as prateleiras com bule de café, os potes de mantimentos, os pratos, as xícaras, o interruptor de luz, o pano de prato, a batedeira, o relógio de parede, a silhueta de um bovino e de um ovino fazendo referência às carnes presentes nas preparações de pratos e iguarias sulinas. Como indicado na (Figura 2).

Figura 2- Visualização do salão expositivo



Fonte: da autora. (2019)

No módulo introdutório, à esquerda da entrada do salão principal, foi plotado em uma das paredes móveis dois textos de abertura, o primeiro do Museu da Imigração do Estado de São Paulo e o segundo de autoria da equipe curatorial do Museu da UFRGS, ambos citados nas páginas 33 e 34. Como sendo, o primeiro contato do público com a temática da exposição, os textos de abertura tinham por finalidade contextualizar o espaço, informar e ilustrar o discurso institucional sobre as intenções da exposição, que a partir daquele momento se desenvolveria no interior da saça expositiva.

Depois dessa introdução, o visitante teria acesso, ainda à esquerda, ao primeiro módulo da exposição chamado *Os Cadernos de receitas e os objetos que os acompanham*. Neste espaço foi colocado um total de 12 vitrines, com uma coleção de peças particulares que saíram de sua forma pragmática ou utilitária para entrarem na ação expositiva a fim de, alcançarem simbolicamente outro sentido. Cada objeto torna-se assim, um repositório de distintas vivências históricas e familiares, de herança cultural e saber tradicional. A Figura 3 apresenta uma dessas vitrines, ressaltando que as vitrines foram montadas de acordo com a quantidade de objetos que formavam o acervo de cada familiar.

Figura 3- Vitrine composta do acervo da família Generali



Fonte: da Autora (2019)

Todos os objetos expostos significaram tentativas de produzir diálogos críticos e proporcionar momentos de contemplação, onde eram exploradas diferentes interpretações do mundo, bem como, acionadas reminiscências afetivas e saudosas.

Seguindo o fluxo da visitação, encontramos o próximo módulo denominado *As culturas tradicionais e o simbolismo na alimentação*. Aqui, foram destacados os aspectos da cultura africana, afro-brasileira e indígena e suas contribuições nas releituras da culinária gaúcha. Estes grupos étnicos mantêm a oralidade como, forma de manter sua memória social e transmitir seus valores tradicionais às novas gerações e, encontram nos objetos do cotidiano, de ritual e religioso os meios para estabelecer esses conteúdos de resistência e identidade cultural. Na Figura 4 verifica-se na vitrine uma variedade de objetos representativos da cultura indígena.

Figura 4- Vitrine composta do acervo indígena



Fonte: Página do site do Museu da UFRGS ¹⁰ (Houve alteração da ilustração com recorte para fins didáticos)

Para configurar este módulo foi disponibilizado, também um aparelho de mídia fixado na parte móvel da parede, transmitindo ininterruptamente uma produção videográfica, concebida a partir da reunião das fontes de memória oral e, cenas captadas no território das comunidades. Nas imagens, os representantes da comunidade quilombola (Figura 5) narravam histórias de seus ancestrais, povos

¹⁰ Imagem retirada da publicação do Facebook do Museu da UFRGS. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/museu/migracoes-a-mesa/>. Acessado em 13 fev. 2022.

afrodiapóricos escravizados e sobre a herança da cozinha negra construída nas senzalas, ao adaptarem ingredientes locais aos usos e sabores da África, dando origem a importantes práticas culinárias difundida na mesa gaúcha e do país. Quanto aos membros da comunidade Guarani – Mbya, o vídeo apresentava questões sobre desapropriação de suas áreas de vivência e subsistência, abordavam também, sobre a forma de se relacionarem com a natureza e com o alimento que obtêm dela. A ambientação, ainda, apresentava vitrines com objetos representativos dessas culturas.

Figura 5- Herança cultural gastronômica dos afrodescendentes



Fonte: *Facebook* do Museu da UFRGS¹¹ (Houve alteração da ilustração com recorte para fins didáticos)

A relação que essas comunidades mantêm com o alimento, é fortalecida por aspectos históricos e cosmológicos. Neste contexto, quando o povo africano foi retirado de seus locais de origem trouxeram consigo seus valores culturais e que, se tornaram estratégia de sobrevivência e elementos constitutivos para a formação de uma cultura híbrida no solo brasileiro e sulino. Como apresenta o texto do catálogo da exposição *Migrações a Mesa*. (2019, p.6)

¹¹ Imagem retirada da publicação do Facebook do Museu da UFRGS. Disponível em: <https://www.facebook.com/museu.ufrgs/photos/pcb.2281073728647246/2281059598648659>>. Acessado em 13 fev. 2022.

O mocotó era comida onde os sinhozinhos cortavam os bois, as vacas, comiam as melhores carnes, de primeira, e davam os restos aos escravos. [...] que aquilo eles não comiam. Só que nossos ancestrais foram tão inteligentes, fizeram uma comida tão gostosa, tão boa, que hoje todo mundo come, todo mundo paga até muito caro, [...]. (MARIA APARECIDA PIRES CAMPOS, representante da Mocambo - Associação Comunitária Amigos e Moradores da Cidade Baixa e Arredores)

O modo de vida de uma comunidade indígena tem por fim, priorizar a natureza, para fundamentar sua cultura e manter a soberania alimentar. São nas paisagens da cosmopercepção, de um olhar interpretativo e sensível do real que se reúnem as referências culturais, é na forma de ser índio que se criam as conexões necessárias para transmiti-las aos seus descendentes. A concepção de natureza e as relações que estabelecem com ela são identificadas no depoimento retirado do catálogo da exposição Migrações à Mesa (2019, p. 7)

A gente entende que a natureza dá tudo. Mesmo com essa agressão que ela está passando, ela está dando alimento ainda. [...], mas do jeito que está andando, [...]. A minha esperança, ainda, é o outro povo entender que enquanto eu estou circulando aqui em cima, no colo de minha mãe terra, essa folha que eu estou segurando aqui, eu não vou comer ela só para comer, eu vou comer ela porque ela vai me fazer bem por dentro [...] meu avô ele sempre dizia: se nós respeitarmos tudo isso que a natureza deu para nós, nós vamos ter a vida eterna. (IRACEMA RÃ-NGA NASCIMENTO-etnia Kaingang)

Para os indígenas a natureza é mãe, uma entidade viva, fonte nutriz não somente das necessidades energética de seus corpos, mas, para a proteção e manutenção de sua identidade étnica/cultural em tempos atuais, portanto, o ato de se alimentar para as culturas tradicionais está repleto de simbologias.

O próximo módulo, levava ao fundo do espaço expositivo, onde o destaque era *A evolução na cozinha*. Para criar o ambiente (Figura 8) foi colocado um mobiliário lembrando um balcão, para dar suporte às panelas de vários materiais (alumínio, ferro e bronze), uma chaleira de ferro, um tacho de ferro e uma tigela grande de madeira. Na parede acima, foi criada uma composição com ilustrações de outros utensílios de cozinha, tendo ao fundo uma parede de tijolos, local onde fixaram uma forma de bolo no formato da cabeça de um gato e uma peneira de artesanato indígena.

Figura 6- Configuração do módulo A evolução na cozinha



Fonte: da Autora (2019)

Esse arranjo direcionava o olhar do público ao âmbito das relações familiares. A cozinha, não é apenas o local de estocagem e preparação dos alimentos, é um espaço que reflete as representações do mundo social. É também um espaço que suscita indagações, ao ser percebida através das transformações técnicas e tecnológicas pelas quais passou, o ambiente da cozinha, que acompanha as mudanças que ocorreram na sociedade como um todo.

Como a industrialização, onde a mulher foi deslocada para o mercado de trabalho, mas não liberada de tarefas doméstica. Assim, antes a cozinha, um espaço formado pelo essencial, terminou sendo invadida por uma infinidade de aparatos eletrônicos que traziam a promessa de facilitar o trabalho da dona de casa, garantindo-lhe mais tempo de lazer e convívio com a família. A urbanização que, diminuiu os espaços da casa e, com isso, as famílias diminuíram de tamanho, o ritmo frenético da vida moderna trouxe a praticidade e a comodidade do *fast food*, substituindo os momentos de compartilhamento à mesa numa prática solitária.

Indo para o próximo módulo nomeado *As expressões nossas do dia a dia*, que vai explorar o universo das palavras e das expressões populares que surgem como resultante da metáfora linguística. Este núcleo recebeu duas mesas de apoio e

quatro acentos de madeira, numa das paredes foi plotado um painel com trinta expressões populares utilizando vocabulário culinário e na parede contígua foi escrito com giz colorido parte do poema – Arroz de Carreteiro do poeta Jayme Caetano Braun. Nesse mesmo ambiente, foi colocada uma proposta de ação interativa, instalaram uma mesinha com um caderno, e um convite para os visitantes escreverem uma receita, dois cadernos de receitas foram produzidos com esta atividade. Como observado na Figura 7.

Figura 7- Destaque para o quadro das expressões metafóricas



Fonte: Página Facebook do Museu da UFRGS¹² (2019). (Houve alteração da ilustração com recorte para fins didáticos)

A ideia da metáfora linguística era muito empregada na poesia, mas, atualmente está disseminada também na linguagem cotidiana. Segundo Lima (2003), essas expressões linguísticas surgem, a partir das interações do corpo humano com o meio físico. Procurando dar sentido a esse fenômeno, o indivíduo os interpreta no nível cognitivo e psicológico, retornando a si mesmo mais enriquecido

¹² Imagem retirada da publicação do Facebook do Museu da UFRGS. Disponível em: <https://www.facebook.com/museu.ufrgs/photos/pcb.3144458008975476/3144414572313153>. Acessado em 13 fev. 2022.

com a experiência. E, ao transferir as impressões formadas se utiliza, nesse caso, do vocabulário culinário, para organizar um esquema de expressões figurativas em sua realidade e, que mais tarde passam a integrar a linguagem coletiva.

Neste ponto do circuito, e para chamar atenção do público foi instalado um mobiliário em formato retangular que representava uma grande mesa. Na superfície do mesmo foi plotado um tampo, imitando taboão de madeira rústica em estado quase bruto com algumas ilustrações, frases, lista de ingredientes de receitas, uma imagem feminina vestindo roupas de época, segurando em uma das mãos a embalagem de um fermento químico, e rótulos de algumas marcas de alimentos industrializados. Sobre essa “toalha de mesa” foram colocados, como mostra a Figura 8, itens de cozinha de diferentes épocas e matéria-prima de produção diversa (cobre, alumínio, porcelana e vidro). Para garantir a proteção e a segurança do acervo e dos visitantes foram utilizadas cinco cubas de acrílico.

Figura 8- Detalhe da mesa central da Exposição



Fonte: da Autora (2019)

Dito apenas como referência, a mesa enquanto móvel de uso e ocupação, encontra-se desde a antiguidade nos ambientes onde ocorrem atividades humanas. Entretanto, usaremos o termo no sentido figurativo, para fazer alusão às formas

representativas que, esse mobiliário foi incorporando na medida em que se tornou testemunha passiva da formação e fortalecimento dos vínculos afetivos mais profundos e significativos no sujeito, dentro do núcleo familiar.

Era no torno da mesa que se potencializam as narrativas memoráveis, impregnadas de valores, ensinamentos e nostalgia. Local onde a criança se individualiza e faz escolhas uma vez que, as preferências alimentares passam a se definir. Quando compartilhamos a mesa por meio do alimento, a posição facilita a visualização da face um dos outros e, por conseguinte, o reconhecimento dos atores sociais e o lugar que ocupam na hierarquia familiar, com isto, se formam as identidades individual e social no sujeito.

A exposição se encaminha para o fim, do lado direito da parede móvel, se encontram as demais vitrines da segunda parte do módulo cadernos de receitas e o das culturas tradicionais, terminado com o quadro da ficha técnica e os agradecimentos. A exposição *Migrações à Mesa* se ampliou em sentido plural, com os recursos pedagógicos das ações educativas e culturais.

5 OS CADERNOS DE RECEITAS E SEUS ENTRECruzAMENTOS DE MEMÓRIA E CULTURA

Neste tópico, abordaremos alguns conceitos de memórias dentro do campo da sociologia, tendo como orientadores os pensamentos de Laraia (2009), Barros (1989), Pollak (1992) e Bosi (1983). Cada teórico trará relevantes considerações, para ponderarmos alguma reflexão a respeito de memórias, construção de valores e identidade individual e social, bem como sobre o trabalho do guardião familiar e a tutela de objetos de rememoração.

Na sua formação biografia, a criança vai recebendo do grupo parental cuidados e valores, tornando clara sua implicação para a formação de suas memórias. Essas lembranças, segundo Barros (1989, p.31) possui “um caráter unico, decorrente de sua posição espacial e temporal e que apenas um único e determinado indivíduo possui em sua biografia”. Em concordância com esta afirmação, Pollak (1992) coloca que a memória também pode ser abordada por seu aspecto construtivo coletivo e social, ou seja, nossas memórias, não são uma

produção exclusiva, mas sim, projeções do passado, que nos chegam com consideráveis alterações são: “[...] linhas já marcadas e desenhadas por outras lembranças, nossas ou de outros” (Barros 1989, p. 31 apud Halbwachs, 1968, p. 56) e que tem a linguagem como meio de transmissão.

Por tanto, quando buscamos organizar nossa realidade, geralmente, utilizamos modelos memoráveis recebidos daqueles que fizeram parte da nossa socialização, numa tentativa de diminuir a imprevisibilidade em tempos cujo panorama é caracterizado por incertezas e oscilações, uma época que Zygmunt Bauman chamou de modernidade líquida¹³, e que representa uma ameaça a nossa segurança e preservação.

Tendo em vista que, com diferentes gerações coabitando num mesmo espaço, a narrativa das experiências passadas terá sempre o foco principal no observador, que se perceberá no centro dos eventos, com alguma relatividade de espaço e tempo. Entendendo, que todos no grupo familiar terão essa percepção sobre si nos acontecimentos, Barros (1989) vai mencionar que a contribuição da fala do indivíduo na concepção da memória coletiva, será sempre completada pela narrativa do outro.

[...] apesar de o homem só poder ter memória de seu passado enquanto ser social, cada homem traz em si uma forma particular de inserção nos diversos meio em que atua. [...] cada memória individual é um ponto de vista da memória coletiva, e esse ponto de vista varia de acordo com o lugar social que é ocupado; este lugar, por sua vez, muda em função das relações que se tem com outros meios sociais. (BARROS, 1989, p. 31)

Numa visão voltada para o campo das disputas Pollak (1992, p. 5) se questiona “[...] até que ponto a memória familiar pode ser fonte de conflitos entre as Identidades da pessoa idosa, por ser o momentos em que sofrem impulsos de voltar a ver a própria trajetória, refletindo sobre a ideia do fim e o sesejo de se manter na

¹³ Modernidade líquida, obra do sociólogo polonês Zygmunt Bauman (1925-2017), é uma análise sobre os efeitos do impacto da Pós-Segunda Guerra e da globalização sobre a sociedade contemporânea. O conceito de “liquidez” criado pelo autor diz respeito à maleabilidade e inconstância dos valores constitutivos, aplicados nos diversos aspectos do plano social, institucional e individual da sociedade pós-moderna. Comparando-os com a época moderna cujos modelos eram sólidos e por tanto, demoravam mais para se alterarem proporcionando mais estabilidade ao sujeito frente a suas escolhas.

lembrança dos permanecem.pessoas”. A questão discutida nos lembra de que essas tensões intergeracionais é o que mantém a dinâmica da vida, ajustando reinterpretções do passado com capacidade de se transformarem em reflexões para as demandas do presente, além de reforçar a coesão familiar e social.

[...]. Entender esta dinâmica é importante para atenuar o choque entre as gerações. Da mesma forma que é [...] necessário saber entender as diferenças que ocorrem dentro do mesmo sistema. Este é o único procedimento que prepara o homem para enfrentar serenamente este constante e admirável mundo novo do porvir. (LARAIA, 2009, p.101)

Sendo assim, entendemos que esse capital herdado e construído, no meio familiar que é de foro íntimo, irá repercutir de forma diferente durante todo o processo de vida do sujeito, quando entendido como dinâmica de sua estrutura psíquica e na medida em que, se expõe e interage com outros grupos sociais sofre e suscita influências. Nesse intercâmbio, alguns destes valores, hábitos e comportamentos se reafirmarão outros, porém serão modificados e dessa maneira, questões culturais se alteram a cada geração.

Bosi (1983, p. 74) e Barros (1989, p.34), nos dão uma informação pertinente, a de que as atividades lúdicas suavizam as tensões que surgem no espaço doméstico e apontam os atores sociais que, nos momentos de recreação, ao mesmo tempo emque intervêm no trabalho de constituição e formalização das memórias nos mais novos, transmitem-lhes a segurança e fortalecimento das relações familiares.

Segundo as autoras, os avós voltam sua atenção para a infância, transformam a casa num ambiente acolhedor e vivenciam experiências cotidianas voltadas para uma socialização mais leve, pois para Bosi (op. cit.) “Aos avós não cabe a tarefa definida da educação do neto: o tempo que lhes é concedido de convívio se entretém de carícias, histórias e brincadeiras”. Por sua vez, Barros, autora supracitada, amplia a participação do idoso no processo e enfatiza sua relevância na manutenção dos valores e na representação dos modelos familiares, denominando-os de guardiões da memória familiar.

Conforme Barros (1989), não raro, os avós que desempenham o papel colecionadores de materialidades, que tem por função lembrar eventos e biografias familiares do passado. Os objetos também servem para estabelecer

no meio familiar a atual Nesse movimento de escolhas os objetos auxiliam na construção dessas narrativas, o que justifica a necessidade de preservá-los.

O guardião está referido à família quando constrói para si e para os familiares o perfil desse papel social. Não é uma motivação individualizada [...]. Ele está imbuído de um papel que lhe confere o direito e também a obrigação de cuidar da memória do grupo familiar. Faz parte da função do guardião [...] não apenas sua conservação, mas a seleção [dos objetos] que servirão de guia aos visitantes desse museu particular cujas peças, expostas [...] transmitem uma mensagem significativa. (BARROS, 1989, p. 38).

A transmissão dessa herança é uma abertura para se olhar o passado com a intenção de identificar na cronologia do tempo as mudanças ocorridas. É também parte do processo de aprofundamento nas ações que educam no presente instrumentalizando o sujeito para as oportunidades e desafios de um porvir ainda desconhecido.

Após as considerações que realçaram os conceitos de memórias, construção de identidade cultural e a relevância do personagem guardião, podemos relacionar o caderno de receitas da família Silveira Souto com as reflexões de Baudrillard (2008) sobre significado e signos dos objetos, Ramos (2014) acerca dos objetos biográficos, Cunha (2015) e a escrita ordinária, e Barros (1998) quanto ao guardião e seu papel social. Retomaremos aqui, estes conceitos associados aos relatos coletados na entrevista com a guardiã, para abordar o caderno de receitas numa perspectiva mais intimista e sensível da cultura gastronômica. Uma vez que, se constitui como portador de saberes produzidos e experiências vivenciadas no ambiente da cozinha e das interpretações culturais e históricas, visto que ele reflete conjunturas sociais mais amplas na comunicação museológica.

Em vista disso, podem surgir algumas questões como: qual sua origem no que se refere à autoria, qual o contexto de sua descoberta e transformação em objeto de rememoração e significados, e as implicações de seu chamado ao Museu da UFRGS no que tange a sua potencialidade de uso em produções narrativas.

Ao se valer de um caderno de receitas, a redatora manifesta uma necessidade de juntar uma variedade de informações referentes a uma receita e ao modo de prepará-la. Seus registros são marcadores dos esforços em alcançar o aperfeiçoamento da técnica de preparo transmitida. O êxito é legitimado na superfície

de uma folha, na forma escrita, com uso da linguagem de orientação, que faz sentido somente para quem está redigindo. As anotações comprovam a superação da aprendizagem de quem se tornou mestra e agora possui um legado para transmitir.

Apesar de Cunha (2015) salientar que a escrita, a ação da mão sobre o papel, constitui uma forma de produção de memória e a ação de guardar como uma ferramenta para atenuar o esquecimento e construir o passado. Os cadernos de receitas como todas as coisas utilitárias que pertencem à cultura material de uma sociedade, estão programadas para um fim ou submetidas ao desgaste do tempo. Mas, Baudrillard (2008 p.33) apresenta a possibilidade de uma sobrevivência ao afirmar que “Os objetos têm assim, além de sua função prática, uma função primordial [...], que pertence ao imaginário e a que corresponde sua receptividade psicológica”. Ou seja, nem todas as coisas de nossas práticas sociais perecem, algumas transcendem seus limites funcionais e adentram ao universo das representações, dos signos e significados.

O caderno de receitas que compõem o acervo particular da Família Silveira Souto foi escrito provavelmente na metade do século XIX, por uma mulher de origem portuguesa, viúva, mãe de três meninas e um menino, de estatura baixa. D. Honorina da Conceição Meirelles Silveira mãe de Julieta Silveira de Moraes, avó de Maria Antônia de Moraes Ricardo, bisavó de Elmina Maria Ricardo Souto, tataravó de Maria Lúcia Ricardo Souto, é chamada carinhosamente por D. Elmina guardiã de seu caderno de receita de vovó Conceição, e apesar de não tê-la conhecido a descreve como:

[...] eu acho que ela devia ser uma pessoa muito simpática, muito doce porque é... é... todo mundo se lembra dela com carinho os mais velhos que é a Ligia, né? Que ainda tá viva, mais velha das primas, então se lembram dela com muito carinho. [...] vovó Conceição ela perdeu o marido cedo e ela morava pra fora é até um distrito de Bagé, As Palmas, chamado Morro do apertado e ela criou as filhas lá e esse filho, entende? Agora é ...tem coisas que eu não lembro ou não sei . (SOUTO, 2019. Informação verbal).

Em seu relato, percebemos que as recordações que tem de sua bisavó, são uma construção feita a partir do esforço em organizar relatos, de vivências das quais não participou, mas que pertencem a outras pessoas que, ao relembrem suas histórias elaboradas com a instabilidade da memória, dão indícios de que a

mesma está sendo contada de outra forma. Neste contexto, o caderno de receitas fornece a estrutura necessária para dar sentido à ausência física e para dar continuidade dessa presença no imaginário do grupo familiar. Bosi (1989) explica que:

O modo de lembrar é individual tanto quanto social: o grupo transmite, retém e reforça as lembranças, mas o recordador, ao trabalhá-las, vai paulatinamente individualizando a memória comunitária e, no que lembra e no como lembra, faz com que fique o que signifique. (BOSI, 1989. Texto de apresentação CHAUI, p. XXX)

Portanto, fica explícito que esse caderno de receitas é um objeto biográfico, uma espécie de elo do real de D. Conceição e o que emerge do imaginário de D. Elmira em suas narrativas de volta a casa de infância.

Antes de ser objeto de recordar, o caderno de receitas de D. Conceição concorria com os demais cadernos de receitas da casa a continuidade a suas funções práticas. Uma tarefa difícil para um caderno avariado pelo tempo, cujo conteúdo escrito não apresenta novidades, e o que possui já foi selecionado e transcrito para outros cadernos mais novos. Colocadas à margem, as coisas do cotidiano acabam sendo subutilizadas e aguardam pelo descarte, a maioria nessa condição não escapa a esse destino.

Entretanto, para Baudrillard (2008) há sempre a oportunidade para um recomeço. É neste momento, que emerge uma pergunta: como ocorreu o resgate deste caderno de receitas para conseguir chegar até nossos dias incorporando novas histórias. Em declaração D. Elmina responde

Eu gosto de cozinhar, [...]. Então a gente tinha essas coisas, e um dia eu me deparei com esse caderno em cima de uma... uma mesa, nem era bem uma mesa, como é que eu vou te dizer ... era um birô como se chamava antigamente, sabe? Uma escrivaninha com gavetas e essa tinha até umas anotações. Meu pai pegava para anotar coisas que faziam em gado, vacinas, época disso, época daquilo, não sabe o que. E eu vi que tinha até umas anotações com letra do meu pai, entende? Aí eu me interessei por ler, aí fui ver que era da minha bisavó [...] E aí eu me deparei com isso, sabe? E não sabia se eram as coisas que eu podia pegar ou não. Então eu guardei na prateleira de livros, eu botei pra trás. (SOUTO, 2019. Informação verbal).

Assim, se desenha uma nova trajetória para o caderno de receitas como objeto de rememorar, cercado por uma rede de significados e representações que passam a abrigar e fornecer recursos para as concepções e fortalecimento das relações que mediam a vida familiar. Para Barros (1989) “Esses objetos não são apenas parte de um passado, mas símbolos da família, dos laços de descendência, que podem ser transcritos como bens que contém uma história”. Que enquanto houver um guardião será narrada entre gerações através da presença ou do sentido.

Conforme Cunha (2015), nessa nova condição as reflexões sobre o caderno de receitas assinalam que este pode responder à necessidades mais complexas, comparadas a sua funcionalidade primária, a autora indica que em sua nova dimensão o objeto consegue:

[...] problematizar diferentes formas de escrita; observar indícios sobre o cotidiano, o capital de vivências de uma época, as maneiras distintas de ver o mundo; explicitar hábitos e costumes; detectar fragmentos de laços de sociabilidade e finalmente reencontrar um tempo que foi perenizado pela escrita. (CUNHA, 2015, p. 271).

Outra passagem marcante nas declarações da guardiã refere-se aos momentos de socialização que aconteciam no ambiente doméstico com as atividades manuais e ao ar livre no trato com os animais.

Agora na minha época já nós tínhamos semana de dentro de casa, se tinha semana de cozinha, tinha semana de lida com os animais que era galinheiro, isso, aquilo, aquilo outro e semana de costura também. Agora às vezes nós estávamos costurando, que a gente aprendeu croché, aprendeu uma série de coisas com as avós e bisavós, então daqui um pouco o pai chegava do campo e dizia assim: - Tô precisando de gente. A gente soltava tudo e saía feliz da vida mexer no brete com os animais, entendeu? Aí já era um outro tipo de atividade, então era tudo misturado, assim se dentro de casa se precisava de alguma coisa, chama o fulano, o fulano vinha ajudar a fazer. Se botava as que tavam aprendendo, mamãe e vovó. A minha mãe e a vovó Julieta, que era filha da vovó Conceição, costuravam o tempo inteiro, entende? O tempo inteiro, mas a gente tinha pra aprender a parte da

costura a mão, entende? Ensinar para as mais novas a chulear, é isso, é isso, é fazer uma bainha sem aparecer, essas coisas assim. Nós éramos ensinadas assim com agulha de crochê, uma menina tinha que saber fazer alguma coisa. (SOUTO, 2019. Informação verbal).

Em sua narrativa aparecem os vínculos que se formavam e se fortaleciam entre os mais novos e os adultos, revela uma fusão de histórias e personagens marcantes de sua infância e o aprendizado sendo passado entre as gerações. Eram práticas que envolviam os membros da família e canalizavam interações sociais construtivas e cooperativas, fundamentais para a formação de identidade. Bosi (1983) coloca que é através do caráter dinâmico do convívio que:

A criança recebe do passado não só os dados da história escrita; mergulha suas raízes na história vivida, ou melhor, sobrevivida, das pessoas de idade que tomaram parte de sua socialização. Sem estas haveria apenas uma competência abstrata para lidar com os dados do passado, mas não a memória. (BOSI, 1983, p.31)

Ao falar do cotidiano familiar, as memórias de D. Elminia reportam a duas ocasiões marcadas pela presença dos membros da família nuclear e extensa. As reuniões festivas como aniversário, natal e casamento e os encontros para as atividades do trabalho rural. Em ambos os momentos é nítido o esforço em descrever com detalhes os eventos, pois se trata de reminiscências da infância constituídas por fragmentos ordenados do passado composto por vários tempos e espaços

[...] como eu te digo, natal, o ano novo já juntava uma parentela maior e aniversário de alguém que se ia todo mundo e já cada um levava alguma coisa, entende? Não sei...se...se combinavam antes isso eu não sei, porque eu era pequena, mas eu via a gente botava num cesto carregava coisas pra ir para casa de outro. Aniversário é que reunia mais, sabe? Essas coisas assim, agora se, por exemplo, aprendia alguma coisa ou pegava alguma receita passava para as outras ai ia para os tais de caderninhos, isso era assim. (SOUTO, 2019. Informação verbal).

A questão da importância das atividades em família é reforçada no próximo relato da entrevistada:

[...], por exemplo, tá na época de matar um porco se engordava um porco durante tanto tempo, ai caia um ou outro lá, sempre levavam, um levava banha porque a quantidade era grande demais entendeu? Então sempre tinha essas coisas de fazer.... o charque né, se fazia também em casa, não se comprava charque se fazia. Então uma parte do animal ai caia as mulheres também fazendo e os homens no final, o que tava mais livre ia lá cuidar...eu, por exemplo, quando nós trabalhávamos para fora os dois, [...] a comida do dia era arroz com linguiça, porque era uma coisa mais rápida de fazer, ficava fazendo em cima do fogão a lenha e eu ia pra

lá, pros bretes ajudar eles, tinha anotações a fazer e coisas, então quando eu aparecia lá, eles já sabiam era panelada de feijão e arroz com linguiça (*risos*). Então quando tinha essas reuniões, que caíam todo mundo a fazer o vinho de laranja, a matança de porco, essas coisas sempre tinha o que está mais livre, corria e fazia a carne no fogão [...] (SOUTO, 2019. Informação verbal).

No trecho acima, parece ter ocorrido uma apropriação da narrativa pela entrevistada, como se esta estivesse contando a própria história. Expondo elementos como o ambiente, personagens, conflitos e soluções, onde suas habilidades e capacidades adquiridas na infância encontrassem orientação útil no futuro. Revelando que os modelos familiares transferidos nos processos de socialização, não só mantiveram a coesão como garantiram a subsistência e a segurança do grupo familiar. Entretanto, esses modelos exigem manutenção, por isso os questionamentos e os movimentos de mudança nos hábitos, crenças e comportamentos, no sistema cultural numa sociedade. Porém, é necessário que os valores essenciais e as relações afetivas, atribuídos à identidade do grupo familiar permaneçam entre as gerações.

Assim, conforme Barros (1989, p.33) o trabalho do guardião é “[...] fundamental nesse processo de manutenção da identidade grupal”. A autora também afirma que os motivos pelos quais alguém se torna guardião da memória familiar são diversos. Portanto, dificilmente saberemos por que D. Elmina incorporou esse papel, talvez por que cozinhar seja motivo de suas alegrias, ou porque através dos objetos retorne à casa da infância ou encontre seu lugar de pertencimento, identidade e hierarquia no meio familiar. Outro ponto que também se ressalta neste momento, é a sucessão deste personagem, D. Elmina transferiu à sua única filha a missão de ser a próxima guardiã do acervo familiar, cabe a ela agora, salvaguardar do caderno de receitas de sua tataravó D. Conceição, para continuar reavivando histórias no meio familiar ou ser deslocado do espaço privado para o público e ser exposto numa comunicação expositiva, num museu universitário.

Essa capacidade evocativa e de sentido presente nos objetos de representação, permite que desempenhem nesses espaços papel de mediadores para problematizar outras realidades de acordo com a proposta expográfica, com o cuidado de não entrar em choque com seus conteúdos memoráveis de objeto biográfico. Esse processo facilita o trabalho de dividir o espaço expositivo, Ramos (2004) nos mostra que:

[...]. O modo de expor um objeto biográfico depende da configuração que se quer dar [...]. Antes de tudo, o que acontece no espaço museológico é a metamorfose de objetos, em simbiose com o poder da memória e a memória do poder nas suas mais variadas manifestações. (Ramos, 2004, p. 114)

Neste contexto, ao participar da exposição *Migrações à Mesa* no Museu da UFRGS, para formar um dos núcleos expositivos, o caderno de receitas, passa a abranger aspectos de documentação histórica, conectando tempos diferentes, fortalecendo identidade de sujeitos e grupos sociais, uma vez que sua performance na exposição gerou produto de pesquisa, registros informativos da exposição que farão parte do acervo do museu e está presente no imaginário coletivo. Dessa forma modificam-se os significados e os critérios de preservação no meio familiar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A comunicação museológica é uma provocação à imaginação do visitante, ao expor num cenário construído conteúdos como concepções artísticas, inovações tecnológicas, evocações e problematizações sobre o passado, entre outras tantas possibilidades. A aproximação com essas dimensões pode proporcionar sensações de encantamento, estranhamento, vivências lúdicas, compartilhamentos de saberes, momentos de reflexões de maior ou menor intensidade sobre questões da realidade e produção de conhecimentos.

A exposição *Migrações à mesa* oportunizou ao público visitante vivenciar estas emoções e reações, ao estabelecer contato com os objetos antigos e suas narrativas, dentro da proposta expográfica de relacionar a alimentação a outros segmentos sociais.

Observar esse quadro cênico, durante as mediações, foi ponto inicial de questionamento para desenvolvimento deste estudo e delimitação do tema: abordar os cadernos de receita sob a perspectiva da cultura material e do sistema de signos e significados. Essa configuração de sentido nos permitiu acessar alguns dos aspectos que o transformam em meio para outros fins, tornando-o ao mesmo tempo instrumento e representação.

Portanto, buscamos compreendê-los como constituintes e articuladores das relações familiares, com desdobramentos na construção da memória e da identidade cultural de uma sociedade. E assim, estabelecemos novas percepções para entrelaçar diálogos mais interessantes sobre nossas memórias de crônica familiar e questões sociais.

Além da materialidade dos cadernos de receitas, adotamos a história oral, enquanto método e possibilidade teórica que permitiu apresentar a “voz do sujeito”. O relato da guardiã do caderno de receitas, considerado uma relíquia no meio familiar, trouxe contribuições sensíveis para a escrita do texto. Identificamos desta forma a importância dos guardiões para a manutenção das memórias da família, revelada pela depoente ao descrever momentos de práticas sociais na infância e na vida adulta que registraram e agora recriam memórias. Não para recordar um passado nostálgico, mas para reorganizar experiências que possam guiar processos de socialização garantindo a transmissão de modelos e valores familiares, sentimento de pertencimento e referências identitárias no grupo familiar.

Por outro lado, a mobilização dessas memórias é reflexo da presença do caderno de receitas, o que nos faz pensar no significado social dos objetos, como reveladores da cultura material da sociedade que o produziu e utilizou. Porém a sua constante resignificação também exerce influência na definição da sua identidade cultural. Os objetos passam a ser entendidos como repositório de informações sociais, culturais e históricas de um coletivo.

Assim, os cadernos de culinária trazem além do registro das receitas, as experiências de sua autora na formação de um saber, a partir da herança simbólica das tradições familiares, contido nos ingredientes, na forma de preparo, com quem e como se compartilha esses momentos de comensalidade. Essas materialidades incorporam um conjunto de saberes e práticas que num contexto macro são compartilhadas entre contatos e intercâmbios com outros grupos e passam a fazer parte de um construtivo social, cadernos e receitas constituem patrimônio cultural da gastronomia local, nacional, étnica.

Com este entendimento, verificamos que nossas memórias e tradições são uma construção coletiva, produzida na dinâmica do cotidiano, dentro das inter-

relações sociais e da comunicação, um processo que permanece em constante manutenção e reconstrução. Os mesmos movimentos reverberam no sentido da identidade cultural, considerando que a nossa identidade está vinculada ao outro, que se modifica para se adaptar às solicitações que regulam a vida em sociedade.

Ao final deste trabalho, concluímos que o objeto caderno de receitas ocupa um lugar relevante na cultura material de nossa sociedade, com a função também de mediar simbolicamente a realidade na qual nos expressamos. Dessa forma torna-se fonte de informação, documento histórico, repositório de memórias, ponte de acesso entre espaço e tempo.

Vale ressaltar que esta pesquisa não se encerra nesta escrita, pois alguns pontos necessitariam de uma abordagem mais abrangente e outros que foram apenas mencionados, mas não aprofundados, como, por exemplo, a identificação de elementos compositores do debate das questões de gênero. Dessa forma, esse estudo abre possibilidades de continuidade e aprofundamento, visto que as diversas perspectivas de observação de um caderno de receitas instigam a análise de outras informações incorporadas no objeto, que podem ampliar a compreensão do problema e descobrir outros rumos de pesquisa.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2016.

BARROS, Myriam Moraes Lins de. Memória e Família. **Revista Estudos Históricos**. Sistema de biblioteca FGV. Rio de Janeiro, v.2, n.3, jun. 1989. p. 28-41. Disponível em <<https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2277/1416> > Acesso em 01 mar 2022.

BAUDRILLARD, Jean. O sistema marginal: a coleção. In:_____. **O sistema dos objetos**. São Paulo: Perspectiva, 1993.p.93-102. Disponível em <https://xdocs.com.br/doc/o-sistema-marginal-o-sistema-dos-objetos-baudrillard-jean-1993-xn4k56qw0qoj>. Acesso em: 24 abr. 2022.

BAUDRILLARD, Jean. **O Sistema dos objetos**. Tradução Zulmira Ribeiro Tavares. 5ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2008.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembrança de velhos**. 1ª reimpressão. São Paulo: T. A. Queiroz, Editor, 1983.

BURKE, Peter. **Uma história Social do conhecimento: de Gutemberg a Diderot**. Tradução Plínio Dentzien. Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

CHAGAS, Mário. **Museália**, Mario Chagas. Rio de Janeiro: JC Editora, 1996.

CUNHA, Maria Teresa. Diários Pessoais: territórios abertos para a História. **O historiador e suas fontes**. PINSKY, Carla B.; LUCCA, Tania. São Paulo: Contexto, 2015.

CURY, Marília Xavier. Comunicação e pesquisa: uma proposta teórica metodológica para os museus. **História, Ciência, Saúde**, Rio de Janeiro. v.12 (suplemento) p. 365-368, 2005.

FAGUNDES, Ligia Ketzer; ARISTIMUNHA, Claudia Porcellis. Museu da UFRGS, trajetória e identidade de um museu universitário. **Patrimônio e Memória**, São Paulo, v.6, nº2, p. 47-66, dez 2010. Disponível em <

<https://pem.assis.unesp.br/index.php/pem/article/view/72/55>> acesso em 15 de out.2021.

FAGUNDES, Ligia Ketzer; CHAGAS, Mário de Souza. Museu da UFRGS: história e trajetória de um museu universitário. III Seminário Brasileiro de Museologia. **In: Museologia e suas interfaces críticas: museu, sociedade e os patrimônios.** Coleções e Museus Universitários. Belém, PA. 2017. Disponível em <https://drive.google.com/file/d/1iF994w1HAKaVJla0XQD4j4pvK79PkRhA/view> acesso em 06 de nov 2021.

FAGUNDES, LIGIA KETZER (Org.). **Catálogo Migrações à Mesa.** Museu da UFRGS. Projeto original da exposição do Museu da Imigração do Estado de São Paulo. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre. 2019. p 1-21. Disponível em [https://issuu.com/ufrgsmuseu/docs/caderno_migra es](https://issuu.com/ufrgsmuseu/docs/caderno_migra_es). Acesso em 23 abr. 2022.

GODOY, Arilda Schmidt. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, n. 3, p. 20-29, maio/jun. 1995. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rae/v35n3/a04v35n3.pdf>. Acesso em: 24 out. 2019.

LARAIA. Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico.** 24^a. ed. Rio de Janeiro : Zahar, 2009.

LIMA, Paula Lenz Costa. Metáfora e Linguagem. FELTZ, H.P.M.(Org.). Produção de Sentidos. **Estudos transdisciplinares.** São Paulo, Porto Alegre, Caxias do Sul: Annablume, Nova Prova, Educs, 2003. P.155-180. Disponível em: http://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Anais/Textos_Em_Psicolin/Artigos/Met%C3%A1fora%20e%20linguagem.pdf>. Acessado em 24 fev. 2022.

MIGRAÇÕES À MESA. Museu da Imigração. Governo do estado de São Paulo. Página web. Acesso em: 23 de fev 2022. Disponível em: <https://www.museudaimigracao.org.br/exposicoes/virtuais/migracoes-a-mesa>

MORESI, Eduardo (Org.). **Metodologia da pesquisa.** Brasília: Universidade Católica de Brasília, 2003. Disponível em: <http://ftp.unisc.br/portal/upload/com_arquivo/1370886616.pdf>. Acesso em: 23 fev 2022.

POLLAK, Michel. Memória e identidade Social. **Revista Estudos Históricos.** Sistema de biblioteca FGV . Rio de Janeiro, v.5, n.10, jul. 1992. p.200-212. Disponível em <<https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1941/1080> > Acesso em: 20 mar. 2022.

RAMOS, Francisco Régis Lopes. **A danação do Objeto: o museu no ensino de história**. Chapecó: Argos, 2004.

SÁ-SILVA, Jackson Ronie; ALMEIDA, Cristóvão Domingos de; GUINDANI, Joel Felipe. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**, v. 1, n. 1, p. 1-15, 2009. Disponível em: <https://www.rbhcs.com/rbhcs/article/view/6/pdf>. Acesso em: 21 fev. 2022.

SAMPAIO, Helena. Evolução do ensino superior brasileiro, 1808-1990. **Núcleo de Pesquisa sobre ensino superior da universidade de São Paulo**, 1991. Disponível em < <https://nupps.usp.br/downloads/docs/dt9108.pdf>> Acesso em 15 de ago. de 2021.

SOUTO, Elmina Maria Ricardo. **Memórias e o caderno de receitas de D. Conceição**. Porto Alegre, dezembro de 2019. Entrevista formal concedida à autora através de áudio transcrito.

SOUZA, Cidara Loguercio; ARISTIMUNHA, Claudia Porcellis; MURATORI, Eliane; FAGUNDES, Ligia Ketzer. Museu e Coleções em rede: A REMAM/UFRGS. III Seminário Brasileiro de Museologia. **In: Museologia e suas interfaces críticas: museus, sociedade e os patrimônios: Coleções e Museus Universitários**. Belém, PA. 2017. Disponível em <https://drive.google.com/file/d/1iF994w1HAKaVJla0XQD4j4pvK79PkRhA/view> . acesso em 22 abril 2022.

TONIOLO, Renata Manara. **CIDADES E UNIVERSIDADE: Arquitetura e configuração urbana do campus centro da UFRGS**. Dissertação apresentada ao Programa de Pesquisa e Pós Graduação em Arquitetura (PROPAR), da Faculdade de Arquitetura da Universidade do Rio Grande do Sul (UFRGS) como requisito parcial para obter o título de mestre em Arquitetura. Porto Alegre. RS, 2014. Disponível em <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/101861>. Acesso em 20 set. 2021.

YIN, Robert K. **Estudo de Caso: planejamento e métodos**. 2. ed. São Paulo: Bookman, 2001.

APÊNDICE A - CARTA DE APRESENTAÇÃO DA PESQUISA



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL - UFRGS
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO - FABICO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO

CARTA DE APRESENTAÇÃO DA PESQUISA

Porto Alegre, 21 de Agosto de 2019.

Prezada (o) Elmira Maria Ricardo Souto

Vimos por meio desta, apresentar a pesquisa intitulada "**Cadernos de Receitas: relicários de patrimônio material e imaterial**", que será desenvolvida pela acadêmica Lucimar da Silva Salgado matriculada no Curso de Bacharel em Museologia, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul- UFRGS. A referida pesquisa tem por objetivo analisar os cadernos de receitas como articuladores de relações sociais com desdobramento para aspectos que os tornam um produto cultural passível de ser reconhecido como um patrimônio material e imaterial.

Agradecemos sua colaboração no fornecimento de dados para o desenvolvimento desta pesquisa científica, que poderá ser:

- Com Autorização para ser identificada (o)
 Sem autorização para ser identificada (o)

Assinatura do (a) participante: Elmira Maria Ricardo Souto

Assinatura do (a) pesquisador (a): Lucimar da Silva Salgado

APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL - UFRGS
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO - FABICO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, Elminda Maria Ricardo Souto, declaro, por meio deste termo, que concordei em ser entrevistado (a) referente a pesquisa intitulado (a) **Cadernos de Receitas: Relicários de Patrimônio Material e Imaterial** desenvolvida(o) por Lucimar da Silva Salgado, quem poderei contatar / consultar a qualquer momento que julgar necessário através do telefone ou e-mail: l1970salgado@gmail.com. Fui informado (a), ainda, de que a pesquisa é orientada pela Prof.^a Me. Marlise Maria Giovanaz, do curso de Museologia da UFRGS. Fui informado (a) dos objetivos estritamente acadêmicos do estudo. O acesso e a análise dos dados coletados se farão apenas pelo (a) pesquisador (a). Atesto recebimento de uma cópia assinada deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, conforme recomendações da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa.

Porto Alegre, 21 de dezembro de 2019

Assinatura do (a) participante: Elminda Maria Ricardo Souto

Assinatura do (a) pesquisador (a): Lucimar da Silva Salgado

APÊNDICE C - ROTEIRO PARA AS ENTREVISTAS SEMIESTRUTURADAS

1- Dados pessoais da guardiã do Caderno de Receitas

1.1 Nome _____

1.2 Idade _____

2-Identificando Caderno de Receitas

2.1 Quem foi D. Honorina da Conceição Meirelles Silveira?

2.2 D. Elmina, como o caderno de receitas de D. Honorina da Conceição MeirellesSilveira chegou até a senhora?

2.3 Por que a senhora resolveu ser guardiã deste caderno de receitas?

3- Memórias afetivas ou não

3.1 A senhora tem lembrança de algum momento significativo de convívio familiar em que houvesse referências a dona Conceição ou a suas receitas?

3.2 A senhora tem alguma receita especial que tenha sido retirada do caderno de receitas de D. Conceição?

3.3 Existem outros cadernos de receitas da família que estão sob sua guarda além do da D. Conceição?